

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CAMPUS I
PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE**

Silvandira Arcanja Franco

**XIRE – PROPOSTA PARA
INCLUSÃO DA CRIANÇA NEGRA
NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
O saber nas festas do Terreiro do
Cobre**



**SALVADOR
2007**

Silvandira Arcanja Franco

**XIRE – PROPOSTA PARA
INCLUSÃO DA CRIANÇA NEGRA
NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
O saber nas festas do Terreiro do
Cobre**



Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia, como exigência para título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof^a Dr^a Ana Célia da Silva

Salvador
2007

FICHA CATALOGRÁFICA

F825x FRANCO, Silvandira Arcanja.
Xirê -Proposta para Inclusão da criança negra na Educação:O
saber nas festas do Terreiro do Cobre /.Silvandira Arcanja Franco -
Salvador, 2004.
105f.il.

Orientadora: Profª Drª Ana Célia da Silva

Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade
do Estado da Bahia. Programa de Pós Graduação em
Educação e Contemporaneidade.

Inclui Referências.

1.Educação – Criança Negra- Brasil 2.Festa religiosa - Aprendizado
..3.Terreiros de Candomblé - Conhecimentos I. Autor.II Título

CDD: 372.210981

**XIRE – PROPOSTA PARA INCLUSÃO DA
CRIANÇA NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
O saber nas festas do Terreiro do Cobre
Silvandra Arcanja Franco**

Dissertação submetida à Comissão Examinadora pelo corpo docente do Programa de Mestrado em Educação e Contemporaneidade e por professores convidados de outras instituições como parte de requisitos necessários a obtenção do grau de mestre.

**Dr^a Ana Célia da Silva _____
Doutorado em Educação
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP.**

**Dr. Henrique Antunes Cunha Júnior _____
Doutorado em Engenharia Elétrica
Universidade Federal do Ceará – UFCE**

**Dr.^a Maria de Lourdes Siqueira _____
Doutorado em Antropologia Social e Etnologia
Universidade Federal da Bahia - UFBA.**

Dedico este trabalho a Thandiwe, Kayodê,
Caíque, Beatriz, e Ugo Inaiê meus netos,
Iara, Tiago, Dandara, Danilo, Cauã, Ainã,
Adaê, Airã, Lorrane, Ian, Lorena, Luango,
Lindiwê, Akil e todas as crianças negras.

AGRADECIMENTOS

São todos tão especiais...

A Olorum pela vida.

A minha mãe Eurides pela perseverança, sempre forte nos mostrou vários caminhos.

A minha mãe Valnisia de Airá sempre disposta a energizar nossas vidas.

Aos meus filhos companheiros de sempre, minhas fortalezas.

A meus irmãos pela cumplicidade e ajuda na caminhada.

A minha família de axé pelo carinho e confiança.

Aos meus amigos pelas palavras e gestos de carinho e de amor.

A minha Orientadora Ana Célia da Silva pela paciência e conhecimentos passados.

A todos os Professores do Programa de Mestrado em Educação contemporaneidade.

Obrigada por fazerem parte da minha vida.

Oxum Adupé.

“... a nova Educação consiste, acima de tudo, em escutar, refletir, inclinar o coração para aprender, desenvolver a afetividade, resgatar e incentivar valores que nos permitam viver melhor, relacionarmo-nos bem e ligar os dois hemisférios do cérebro; é necessário haver uma sinergia entre o racional e o intuitivo, o analítico e o sintético, o racional e o poético.”

Profª Maria Luiza Silveira Teles.

RESUMO

Este trabalho buscou em primeiro lugar analisar quais formas de aprendizagens acontecem durante as Festas Religiosas do Terreiro do Cobre, que contribuem para a formação pessoal e social da criança negra no cotidiano escolar. Em seguida identificou as aprendizagens significativas, para então apresentar princípios, que subsidiam o processo educativo dessas crianças na escola. É uma pesquisa qualitativa etnográfica desenvolvida no Terreiro do Cobre estruturada em introdução e três partes. Na introdução apresenta o tema / objeto, problema, objetivos, metodologia, teóricos e espaço da pesquisa. No capítulo seguinte, apresento o Terreiro do Cobre como um Território Negro, seguido de um estudo intitulado Xirê – As Festas Religiosas: saber ancestral e conhecimento que trata das festas e seu processo de aprendizagem, para só então falar dos significados das festas religiosas como processo educativo mostrando o vazio deixado pelo sistema oficial de ensino no que se refere a história da criança negra e de seus antepassados, apresentando através das festas religiosas princípios que trabalhados pelos educadores infantis dentro da realidade das escolas subsidiarão uma prática educativa comprometida com as questões étnico racial que servirão a todas as crianças, principalmente as crianças negras.

Palavras-chave: Terreiro de Candomblé; Princípios – Sabedoria; Festas Religiosas; Aprendizado – Educação; Criança Negra.

ABSTRACT

This academic study accomplished the aim of analyzing in first place which learning situations take place during the religious ceremonies of “Terreiro do Cobre” and how it contributes to personal and social background improvement of black children along the everyday school experience. Besides, the study includes identifying learning experiences and presenting several principles that offer subsidies to the learning process of these children into regular school. It is an ethnographic research that had as field study the “Terreiro do Cobre” and its written structure comprehends an introduction and three chapters. The introduction has as content a presentation of theme (or research object), research field and problem, objectives, methodology and theoretical framework. Following chapters depict the religious space of “Terreiro do Cobre” as a Black territory and present a study named “Xirê – Religious Celebrations: Ancestral Knowledge” that describes the religious celebration and the learning process involved. After that the meaning of the celebrations is analyzed as an educative process not accepted by the official school system in order to deny the value of the experience of black children and the knowledge of their ancestors. The main contribution of this study is presenting candomblé educative principles that if accepted by the official school system and included into teachers' practices will collaborate to the educative process in order to make a commitment to promote education to the ethnic and racial relations that will be useful to all children, especially black children.

Key-words: candomblé; principles – knowledge; religious ceremonies; learning – education; black children.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Capa da dissertação:

1. Crianças brincando no Terreiro do Cobre.

Introdução

2. Crianças tocando atabaque.

Capítulo 2

3. Crianças brincando no Terreiro.

Capítulo 3

4. Filhos de Santo do Terreiro em atividade. P48
5. Crianças e adultos em atividade. P49
6. Filhos de Santo cortando quiabo. P52
7. Ogã criança suspenso. P53
8. Criança do Terreiro. P57
9. Desenho de Lorrane Caroline. P62
10. Desenho de Yan Gil – Festa de nana. P64
11. Preparativos para festa – movimentação. P66
12. Ornamentação da festa de Ibeji. P71
13. Arrumação das quartinhas – ornamentação. P81

Capítulo 4

14. Foto de Mãe Val com crianças do Terreiro em 1994.
15. Ebomes do Terreiro do Cobre. P 90-91

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 O Desejo e a Descoberta.	11
1.2 Justificativa da Escolha.	15
1.3 O Problema.	24
1.4 Objetivos e Desejos.	
1.5 Delimitação do Espaço – Descobrimos Caminhos.	26
1.6 Um Caminhar Metodológico.	27
1.7.1 A Festa do Nome	30
1.7.2 Kole Olé – Firmando a Canção	30
2. O TERREIRO DO COBRE – Um Território Nagô	33
3. XIRÊ – AS FESTAS RELIGIOSAS DO TERREIRO DO COBRE Saber Ancestral do Conhecimento	43
3.1 As Festas religiosas do Terreiro do Cobre – Calendário Litúrgico	46
3.2 Alegria, Fogos, Amalá: É a festa de Xangô e de Iemanjá no Terreiro do Cobre.	47
3.3 Ogum – Oxoxe-Logum – Edé e Ossain	60
3.4 Olubajé Ajé Um Bó	63
3.5 Vamos encher o balaio de flores, perfumes, espelhos, brinquedos, sabonetes. É dia do Presente de Oxum.	65
3.6 Heparrey, Oyaa – Festa das Yabás	69
3.7 Frutas, balas, caruru: Atenção crianças! É Festa de Ibeji	71
3.8 A Festa de comida fria – Afinal quem é criança... Quem é Erê	73
3.9 A Festa de Xangô Airá	79
3.10 A Festa de Oxalá: A procissão das quartinhas	80
4. O SIGNIFICADO DAS FESTAS COMO PROCESSO EDUCATIVO:	

Categorias utilizadas pela prática educativa dos terreiros que serve a criança negra na escola.	82
4.1 A Formação Pessoal e Social da criança na cosmovisão africana: Proposta para educação da criança negra	83
4.1.1. O Princípio e a Sabedoria	83
4.1.2 Ancestralidade: Identidade e Tradição	89
4.1.3 O Mito e o Conhecimento do Mundo	92
4.1.4 A Identidade e Diversidade	95
4.1.5 Família Negra: Uma Família de Santo	99
4.1.6 A Oralidade nos Terreiros: Conhecimento e Sabedoria	102

5. TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

REFERÊNCIAS

GLOSSÁRIO

INTRODUÇÃO

...E aprendi que se depende sempre, de tantas muitas diferentes gentes...Todas as pessoas sempre são as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas...

Gonzaguinha

1.1 O DESEJO E A DESCOBERTA

Este trabalho pretende buscar significados nas formas de aprendizagem dos Terreiros de Candomblé, portanto, aprender sob a ótica dos jovens, adultos, idosos e principalmente das crianças do Terreiro do Cobre se constitui importante referência desta pesquisa.

Inquietações surgem inicialmente durante a minha prática como professora e coordenadora da Educação Infantil/Creches e Pré-escola, quando percebo a desmotivação e apatia das crianças em participar das aulas, pelo fato de perpassar por essas práticas uma visão de mundo distanciado em grande parte dos significados e sentido das vias concretas dessas crianças.

Pensando nisso, observo que as crianças negras, uma grande maioria nas instituições públicas de educação, não encontram nestes espaços representações simbólicas que valorizem seus saberes, seus falares, sua religião, suas histórias. Ao exercitar possibilidades de integração dessas crianças nas aulas ou brincadeiras com atividades que contextualizassem o universo epistemológico africano, a exemplo de ouvir histórias de vida dos antepassados delas, esbarro no primeiro obstáculo que é a supervalorização que a escola dá ao conhecimento letrado, ao negar as experiências vivas que elas levam a escola, através dos processos da aquisição da língua padrão ou dita norma culta em detrimento do conhecimento acumulado e experimentado na família e vizinhança dessas crianças.

Vivencio a insistência de colegas que optam por trabalharem centrados em modelos tradicionais, demonstrando dificuldades em lidar com outras formas de chegar ao saber, fazendo da relação de aprendizagem uma relação de dor para as crianças.

Com o referencial de recalque, negação e descaracterização dos seus valores e de suas histórias, as crianças negras são submetidas a um modelo hegemônico branco presente nas

ações e relações das instituições de Educação Infantil, podendo-se afirmar que na Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica (LDB – 9394/96) se inicia o processo de exclusão da criança negra submetida à ideologia de dominação da escola formal.

Por outro lado, a minha vivência como filha de santo no Terreiro do Cobre aumenta meu conflito enquanto educadora, pois, a forma como se relaciona o saber no Terreiro aponta outros caminhos como suporte para aquisição de novos conhecimentos, surgindo novas inquietações e uma forte sensação de impotência diante da realidade das escolas.

No Terreiro, tudo começa com a observação, aprende-se olhando os mais velho, depois aprende-se com as conversas e histórias contadas por eles; (são histórias sobre a origem do terreiro, ancestralidade, forma de viver dentro e fora do terreiro, história dos orixás, as necessidades de mudanças e de preservação de valores). Há sempre uma história diferente para cada situação, transmitida naturalmente através da tradição oral, utilizada como metodologia mais eficiente dessa instituição religiosa, sempre num movimento de aprender a apreender, ouvindo e fazendo, fazendo e aprendendo durante as festas religiosas, onde quase tudo acontece. Uma coisa que me impressionou profundamente foi ver o desenvolvimento das crianças nas festas religiosas do terreiro, principalmente, as crianças pequenas, todas conversam, cantam, rezam, dançam, tocam, conhecem histórias dos orixás e seguem as regras de convivência estabelecidas pelos terreiros, sem ter recebido nenhum tipo de orientação formal, ou feito qualquer escrito sobre determinadas situações.

No entanto, a idéia de buscar no cotidiano dos Terreiros uma abordagem científica para dar sustentação a uma proposta para inclusão da criança negra na educação, surgiu numa festa de IBEJI, orixá criança nas religiões de descendência africana, chamada no Terreiro do Cobre de “Corda de Ibeji”.

Foi a partir da observação dessa festa e de perceber a forma que as crianças lidam com o conhecimento, bem como o convívio com as crianças do Terreiro, que me senti motivada a mostrar outras possibilidades de integração das crianças negras na educação.

No início, me questioneei sobre o porquê das crianças aprenderem e conviverem de forma mais fácil no Terreiro; os motivos da presença constante das crianças, o prazer e a

integração foram razões para mim de muitas inquietações, uma vez que na escola as crianças negras se mostram, ou são chamadas de apáticas ou agressivas.

As respostas para estas inquietações chegam sempre com as próprias crianças ao demonstrarem, que só envolvidas com vivências significativas, partindo da valorização de suas experiências, interesses, saberes, e representações simbólicas; haverá aprendizagem e interação.



Sendo assim, uma educação para crianças negras nas escolas não será diferente. Dependendo dos significados, das vivências, dos modelos apresentados, a escola poderá auxiliar na construção da identidade valorizando as características étnicas e culturais destes sujeitos, ou poderão ao contrário, favorecer ao modelo etnocêntrico¹ no qual predomina a visão preconceituosa e negativa a respeito do negro.

Para incluir essas crianças nessa sua primeira etapa de socialização fora da família, é preciso desencadear um processo, capaz de proporcionar ações que transcendam os conceitos e pré-conceitos estabelecidos pela educação centrada nas idéias eurocênicas tão bem concebidas pelo sistema de ensino vigente.

¹ Visão do mundo onde um grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos valores, dos modelos e da existência desse grupo.

Ao me reportar ao Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RNEI (1998), não é difícil perceber a ausência completa de orientações que contemplem o modo de vida, a cultura, as circunstâncias sociais em que se encontram as crianças negras. Assusta perceber esse vazio, porque denuncia a profundidade da negação que se encontra na base da concepção de educação voltada para uma sociedade eminentemente plural.

1.2 JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA

“Respeito mútuo é a chave, é o que eu sempre quis”

Racionais

A justificativa reflete, em primeiro lugar, a situação em que viveu a criança negra até chegar ao lugar em que se encontra atualmente na Educação Infantil.

Em segundo lugar, apresento o fato de que a criança negra pode ter outras formas de ser visibilizada e de aprender, e que os Terreiros nos mostram alternativas que podem favorecer a criança na educação formal oficial.

Não foi só a sociedade africana que tratou da educação na família. Em todas as sociedades antigas, a educação, era exercida pela família, e o saber era coletivo; Arruda (1996), lembra que a instituição escolar não existiu sempre, sua natureza e importância caminham juntas com a necessidade socioeconômica dos grupos em que esteve inserida. A escola institucionalizada semelhante às nossas de hoje é uma criação burguesa do século XVI, época que surge o sentimento da infância e família.

Karl Max afirma no Manifesto Comunista (1847), que a sociedade burguesa moderna fez uma substituição nas sociedades das épocas históricas, com novas classes e novas formas de opressão.

A Escola tradicional burguesa, fruto dos interesses burgueses surge, organizada por ordens religiosas européias, preocupadas com controle, evangelização, disciplina rigorosa, distanciamento da vida e dos problemas do cotidiano. Muitas mudanças ocorreram, mas, as crianças negras vêm sofrendo através dos tempos, os efeitos das conveniências e ideologia burguesa.

Em outros tempos, por exemplo, bem no centro, no norte, no nordeste e sudeste do Brasil a infância das crianças negras, afro-descendentes, utilizadas como mão-de-obra escrava já era bem diferente. Elas bem cedo ficavam sem referências familiares, faltava-lhes a presença da mãe e também do velho Griot, o contador de histórias nas sociedades africanas.

Alguns autores ao discutir a infância das crianças escravizadas escrevem sobre uma rede de parentesco que resgataria a criança cativa abandonada. Longe dos seus parentes e de sua terra, era preciso criar estratégias para proteger os filhos, essa rede de parentesco a que me refiro era formada principalmente pelos padrinhos. Rugendas em seus relatos de viagens pelo Brasil diz que:

Há no Brasil, para muitos negros, um outro meio de conseguir a liberdade: é o costume que têm as negras de convidar gente de certa categoria para padrinhos dos seus filhos, o que ninguém tem coragem de recusar, sem causar um descontentamento geral. Tal incumbência, longe de diminuir, é encarada em virtude das idéias religiosas do povo e da influência do clero, como muito meritória. O pequeno escravo está quase assegurado da aquisição da liberdade pelo padrinho, o que é tanto mais fácil quanto o preço do negrinho é insignificante, raramente ultrapassa 60 a 80 piastras. (RUGENDAS, 1976 apud MOTT, 1972, p. 63)

Percebe-se, portanto, que para a criança negra sobrevivente à estrutura escravista, restava-lhe apenas ser aprendiz ao lado dos cativos, até completar a idade que lhes possibilitassem desenvolver atividade econômica como mão-de-obra escrava. Essas crianças negras, porém, como todas outras, sendo crianças, estavam em processo de desenvolvimento e aprendizado, portanto, não poderiam deixar de aprender também as rezas, cantigas, e os valores sagrados que os seus cultuavam, mesmo que dentro das senzalas. Era uma rede de sentidos e significados que se estabelecia entre crianças e adultos que de acordo com o pensamento de Vygotsky “é a soma dos eventos psicológicos ou de experiências que a palavra evoca na consciência da pessoa”.

Por outro lado, o Brasil vive nesse período momentos de conflitos com a promulgação de algumas leis como a do Ventre Livre levando o Estado a se preocupar com a educação num plano nacional que viabilizasse um poder centralizado.

Dessa forma a Constituição de 1824, Art.6 reconhece como cidadãos brasileiros todos nascidos no Brasil, ingênuos ou libertos, garantindo no Art. 179 das Disposições Gerais a instrução primária gratuita, vetada aos portadores de moléstia, escravos e pretos Africanos em 1837 pelo presidente da Província do Rio de Janeiro.

No que se refere ao atendimento à infância brasileira vejo que até 1874 existiu institucionalmente a “Casa dos Expostos” ou “Roda”² para os abandonados das primeiras idades e a Escola de Aprendizizes Marinheiros (fundada pelo estado em 1873) para os maiores de doze anos. Ora, se as crianças, filhos dos africanos escravizados foram separadas dos seus pais, principalmente as nascidas de uniões “ilegítimas”, de certo, a roda dos expostos atendia à criança negra, livre pela Lei do Ventre Livre de 1871, como trata esse trecho “muitos senhores abandonavam crianças escravas na Roda e alugavam suas mães como ama – de - leite, negócio muito mais rentável do que sustentar a prole de seus escravos” (CUNHA, 1999, p.83)

Os senhores de escravos tomavam essa posição, pois, com o “ventre” das escravas livres, eles deveriam assumir de acordo com a lei do Ventre Livre as crianças nascidas livres das mulheres escravizadas, ou podiam também entregá-las ao Estado após os oito anos de idade.

De acordo com Fonseca (2001), em 1879 o Ministério da agricultura tomou iniciativas com o objetivo de incentivar o surgimento de associações que pudessem arcar com a educação das crianças, filhos de escravos, nascidos livres. Há documentação de algumas dessas associações destinadas à educação de ingênuos, libertos ou desamparadas. É também Vinícius (2005), que traz dados dessas instituições. Ele afirma que o número de crianças entregue ao Estado ficou abaixo da expectativa. De certo, os senhores ficaram de posse dessas crianças e utilizaram seus serviços.

Percebe-se que até o final do período escravocrata no Brasil as crianças negras tinham acesso a uma educação informal que lhes ensinavam a serem escravos, e a viverem como escravos, em contra partida algumas aprendiam também com as experiências passadas pelos seus; valores, costumes e tradições.

Kramer (2003), lembra que nesse período as primeiras iniciativas voltadas às crianças partiram de higienistas e se dirigiram contra a alarmante mortalidade infantil, que era

² A Roda foi uma instituição criada por Romão Duarte em 1739 para abrigar “almas inocentes” que tivessem sido abandonadas, enjeitadas ou desamparadas.

atribuída por eles a duas causas. Uma delas dizia respeito aos nascimentos ilegítimos, frutos da união entre escravos ou destes com os senhores. A segunda se referia a “falta de educação física, moral e intelectual das mães” ou, mais concretamente, sua negligência na medida em que permitiam o aleitamento mercenário (escravas de aluguel). A ligação entre as duas causas se estabeleceu porque ambas culpam a família, além de colocar nos negros escravos a origem das doenças.

No entanto, essas iniciativas serviam, na maioria das vezes, aos filhos não bem vistos das elites, os filhos dos senhores que se envolviam com alguém não “recomendado”, portanto, tinha caráter preconceituoso quando se tratava de receber as crianças negras, filhos de escravos.

Historicamente falando, a abolição passa a ser um dos fatores determinantes do destino da população negra no Brasil, principalmente do destino educacional. “Deixados á própria sorte” o povo negro saiu das fazendas dos senhores em busca da vida perdida.

É Kramer, que continua mostrando que nos primeiros anos da República a situação das crianças continuava nula começando a se alterar no início do século XX com a fundação do Instituto de Proteção e Assistência a Infância do Brasil. Com sede no Rio de Janeiro, o instituto criado em 1899 muito serviu aos filhos da elite desta cidade, porém abriu outras possibilidades de atendimento de Políticas Públicas para infância, como o primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância em 1922.

Na verdade a educação para criança continuava com caráter elitista e o atendimento por instituição de saúde. Em nenhum momento a criança negra foi incluída. Continuava submetida ao grupo das não aproveitadas, além de permanecer fora do sistema de ensino, desde o Decreto nº 1331 – A, de 17 de fevereiro de 1854, que segundo Paiva (1983), estabelecia para a escola pública de ensino primária acesso vedado aos escravos.

Vale ressaltar que nesse contexto reaparecem as crianças trabalhadoras, que passavam a ser reconhecidas como importantes. “Já colabora para grandeza do Brasil, através da dignificação do trabalho, do auxílio a seus pais, num edificante exemplo de solidariedade na luta pelo ganha-pão diário” (KRAMER, 1966, p.15).

Caminhando num sentido contrário o governo ora mostrava iniciativas de valorização a infância, ora mostrava seu caráter demagógico que valorizava a criança trabalhadora. Neste quadro cabe perguntar quem são essas crianças é a Lei que responde uma vez que já funcionava pelo antigo Decreto (1331), curso noturno para adultos, para todas as pessoas negras livres ou libertas, maiores de quatorze anos (...)

Contradições diversas aparecem nesse período. Para quem cabia o dever de assumir a infância? Nesse bojo surgem diversos órgãos destinados ao atendimento à criança. Algumas estatais, outros da iniciativa privada, surgindo em 1975 a Coordenação de Educação Pré-Escolar que até hoje dinamiza e centraliza as atividades desenvolvidas pelas secretarias Estaduais e Municipais, iniciando-se nesse período um pensar bem tímido sobre a inclusão dessas crianças negras; apesar de muitas continuarem fora da escola por falta de vagas, por terem que trabalhar, ou por estarem abandonadas. Na iniciativa privada temos a OMEP – Organização Mundial de Educação Pré-Escolar, além da UNICEF – Fundo das Nações Unidas para Infância que vêm desenvolvendo junto ao setor público alguns trabalhos para infância.

Toda essa conjuntura propiciou também a criação de abrigos para menores abandonados. O primeiro foi a SAM, logo depois a FUNABEM que extrapola a faixa de idade e se compromete com abandonados infratores.

A educação para crianças nesse período é marcada pelo total descaso dos governantes, uma vez que no contexto político, econômico e social do país, a educação nunca se encontrou como prioridade.

Caminhando na contra mão, Marco Aurélio Luz (1989), nos apresenta um outro aspecto relevante a esse estudo, Luz afirma que um dos problemas mais graves enfrentados pelos países do terceiro mundo e ex-colonizados diz respeito ao sistema de ensino. O sistema de ensino que foi implantado e desenvolvido nesses países em geral é uma herança do colonialismo e, como tal se constitui num aparelho ideológico do Estado, voltado para reproduzir e divulgar valores evolucionistas, etnocêntricos ou eurocêntricos, assim como atender as necessidades técnicas de uma economia atrelada ao mercado de trocas comerciais, neocoloniais. O sistema educacional no Brasil tem seu início com a chegada dos jesuítas que deveriam converter os índios e colonos à fé católica, com bases no

contexto europeu do século XVI. Inicia-se então a propagação das idéias eurocêntrica que se perpetuam até hoje.

Nesse sentido, o modelo atual de ensino que tem com bases as idéias eurocêntrica propagadas desde o período colonial se organiza como processo de desaculturação das crianças que têm a escola como seu espaço de socialização primária. Muito embora esta ignore seus valores culturais, atua como referência, numa perspectiva de dominação pré-programada para ter início na educação infantil, com Parâmetros elaborados em Brasília para todas as crianças do país, e livros didáticos que apresentam como ideal uma sociedade embranquecida.

Esse modelo que critico, tem como base culturas nacionais modernas. Hall argumenta que a lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas gradualmente, nas sociedades ocidentais, a cultura nacional. As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada, sob aquilo que Gellner chama de “teto político” do Estado-Nação, que se tornou, assim, uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas. (2001, p. 49). É importante entender que as culturas nacionais modernas mencionadas não são construídas sócio-historicamente como as das sociedades tradicionais, elas foram substituídas de forma fragmentada para atender a um modelo nacional forjado.

Com esse referencial de recalque, separação, negação de sua cultura, de sua família e de sua ancestralidade, descaracterizando seus valores, as crianças hoje são submetidas a um modelo hegemônico branco, presente nas ações e relações das Instituições de Educação Infantil, podendo-se afirmar que na Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica (LDB – 9394-96), se inicia o processo de desaculturação da criança negra submetida a ideologia da dominação da escola formal.

Se o Referencial Curricular da Educação Infantil – Vol. II diz que “a fonte original da identidade está naquele círculo de pessoas com que a criança interage no início da vida” como entender uma escola que exclui a criança negra, sua família e seus valores? A família e a escola são mediadores importantes no processo de construção da identidade da criança. Apesar de ser na família que a criança interage no início de sua vida, a “experiência escolar

deve ampliar e intensificar a socialização da criança. As instituições de Educação Infantil e Fundamental organizam e formalizam a aprendizagem que vai ter continuidade nas suas experiências com a sociedade” (CAVALLEIRO, 2000, p.204).

Vale salientar que é na escola que a criança aumenta a suas possibilidades de troca entre diferentes pessoas, e que segundo Vigotsky durante as trocas as crianças internalizam o conhecimento. Nesse ponto é necessário se perguntar que conhecimento é esse? Como são valorizadas as diferenças raciais e culturais dessas crianças? Diante dessa trajetória as professoras de Educação Infantil confirmam que: *“as crianças nessa faixa de idade não percebem as diferenças, se percebem não se importam com elas. Soma-se a isso a idéia de que tratar desse tema é algo desnecessário e cansativo”*. (CAVALHEIRO, 2000, p.204)

Convém lembrar que as crianças negras, a exemplo da cultura negra recriada no Brasil vivenciam formas diferenciadas de construir aprendizagens e saberes. Lyotard demonstra a exatidão deste pensamento, quando diz que “o saber científico não é todo saber” (2002, p.13). Enquanto “os modelos eurocêntricos oriundos da cultura européia apresenta um saber transmitido pelo professor mediado pelos textos repetitivos e os exercícios de fixação, nas culturas negras e ameríndias, a transmissão se dá de forma direta, dinâmica pessoal ou intergrupal”, enfatiza (LUZ 1989, p.89)

A herança cultural negra de transmissão do saber se propaga através da oralidade, dos relatos de casos transmitidos “de boca a boca; de ouvido a ouvido”. Os conhecimentos nas culturas de participação, a exemplo da cultura negra e indígena se caracterizam pelas experiências vividas, relatadas nas situações cotidianas do indivíduo na sociedade com o rezar, cantar, dançar, cozinhar, arar a terra, brincar, costurar, falar e silenciar. Por outro lado o modelo oficial está demarcado por um calendário oficial, por aprendizagem, “vinculada e /ou reduzida à aquisição da tecnologia da escrita e de técnicas preocupadas no disciplinamento neocolonial produtivista e consumista da sociedade”. (LUZ, 2000, p.89).

Neste ponto preciso falar da herança deixada pela escola tradicional, ainda muito presente na vida das crianças negras no momento em que as consideram como bloco homogêneo, não havendo nenhuma preocupação com as diferenças individuais, dificultando os significativos períodos de desenvolvimento necessários a todo ser e muito discutidos pelos estudiosos em desenvolvimento humano. Contextualizando este processo, valho-me das

considerações feitas por Hall, quando diz que “a formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua como o meio dominante de comunicação em toda nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais como, por exemplo, um sistema educacional nacional” (p. 49), que organiza a educação de forma linear, sem respeitar os dialetos, a língua materna e os valores regionais / locais.

Todas as características da escola atual evidenciam a posição empirista que dá ênfase a um conhecimento externo “caracterizado especialmente pelo recalco da presença dos processos civilizatórios constituintes na nação, elegendo como universal o processo civilizatório europeu”, (LUZ, 1989, p.13), com efeito, os materiais didáticos utilizados pelos institutos infantis não permitem nenhuma identificação para as crianças negras, que não se sentem contempladas, nem representadas nas relações ali existentes e estão sempre buscando visibilidade nas famílias, nas religiões e nas festas, predominantemente apresentadas com valores éticos e estéticos ocidentais. Nos livros didáticos adotados pelas escolas de modelo eurocêntricos, ou seja, em todas as escolas a “humanidade e a cidadania, na maioria das vezes são representadas pelo homem branco e de classe média. A mulher, o negro, os povos indígenas entre outros, são descritos pela cor da pele ou pelo gênero, para registrar sua existência, (SILVA, 2001, p.14)”.

Esses valores perpassados às crianças negras nas relações do cotidiano infantil, na maioria das vezes desenvolvem comportamento de auto-rejeição, resultando na negação dos seus valores e dos valores da sua família. Diante desse cenário, as crianças negras, sua vida e suas famílias são negadas diariamente por professores e professoras que também desconhecem sua identidade, pelos colegas negros das escolas públicas, e por todos adultos que as relegam a uma dupla negação, de ser criança e negra na nossa sociedade.

Como menciono em algum momento, as histórias contadas pelos nossos antepassados mantém viva a tradição, atualizam a cultura, o conhecimento, os princípios e valores africanos. Da mesma forma no que se refere à história da cultura negra, recriada nos Terreiros do Brasil, o saber está intrinsecamente ligado a uma simbologia que se apresenta em todos os âmbitos da vida de uma criança, de um jovem ou de um adulto. Esse tipo de conhecimento é passado naturalmente pela tradição oral, levando a criança ao caminho da memória da sua família, mãe, avó, bisavó, num movimento de positivar o passado de

resistência e luta do povo negro, num caminho de construção de identidade individual de cada criança negra e coletiva do grupo de crianças afro-descendentes que integram o cotidiano da Educação.

Finalizando, afirmo que só uma proposta de educação para criança negra pode apresentar subsídios para enfrentar os problemas de identidade que as crianças enfrentam hoje na escola. Essa é uma luta velha do Movimento Negro e outros Movimentos Sociais. Não posso deixar de citar o Jornal Quilombo, dirigido por Abdias do Nascimento, grande intelectual negro, e o I Congresso do Negro Brasileiro promovido pelo Teatro Experimental do Negro na década de 50, e algumas instituições atuais que desenvolvem trabalhos exitosos nessa área de educação, a exemplo da comunidade do Terreiro Ilê Axé Opo Afonjá, no bairro de São Gonçalo; da Escola Mãe Hilda criada no final da década de 80, que se compromete com a educação de jovens do bairro da Liberdade, e do próprio Terreiro do Cobre, onde já tivemos quatro turmas com crianças em idade escolares e vários cursos profissionalizantes. Outras iniciativas individuais vêm sendo realizadas por professores preocupados com a questão, posso citar entre tantos o CEAFFRO, a Pastoral do Menor e a Escola Zumbi dos Palmares, locais em que tenho experimentado essa experiência.

1.3 O PROBLEMA

*...Ó deus do céu da África do Sul do céu azul da África do sul tornai vermelho todo
sangue azul...
Gilberto Gil*

Os estudiosos da presença africana no Brasil garantem que grande parte do “patrimônio cultural negro africano”, se perpetuou através dos Terreiros “associação litúrgica organizada”. (SODRÉ, 2002, p.52).

É nos Terreiros que os diferentes grupos de resistência, após a abolição se juntavam para fazer do local uma “reconstrução vitalista, para ensejar uma continuidade, geradora de identidade”.(SODRÉ, 2002, p.53).

Daí se torna compreensível por que as Festas religiosas não são apenas momentos que os orixás se apresentam entre nós. As festas representam “suportes simbólicos” – ou como afirma Sodré, condutores das regras de trocas sociais – para continuidade de um grupo determinado.

Esses grupos são responsáveis pela preservação da memória africana através da transmissão do saber, o que nos revelam significativos processos educativos

Partindo do pressuposto que o saber está intrinsecamente ligado a memória que se veicula e é veiculado através das interações, das vivências dos gestos, e que as crianças desde cedo são influenciadas pelas práticas educativas propostas pela escola, constitui-se relevante investigar *em que medida a forma de aprender nas festas do terreiro podem favorecer a construção da identidade da criança negra e contribuir para sua formação pessoal e social na escola?*

1.4 OBJETIVOS E DESEJOS

*“Escreva no quadro
com palavras gigantes
Perola Negra
Te amo, te amo”.*
Luis Melodia

Como objetivo principal, pretendo *analisar as formas de aprender que acontecem durante as Festas Religiosas do Terreiro do Cobre, buscando significados, que contribuam para a formação da identidade pessoal e social da criança negra no cotidiano escolar.*

Vale salientar que é na escola que a criança aumenta a suas possibilidades de troca entre diferentes pessoas e que durante as trocas as crianças internalizam o conhecimento. Nesse ponto cabem outros objetivos específicos:

Caracterizar o terreiro como espaço que possibilita a aquisição de novos conhecimentos e aprendizados.

Identificar como as crianças negras, brancas, indígenas e outras aprendem e convivem nas comunidades dos terreiros.

Identificar princípios utilizados pela prática educativa do Terreiro que subsidiem o processo educativo das crianças na escola.

1.5 DELIMITAÇÃO DO ESPAÇO – DESCOBRINDO CAMINHOS

O espaço escolhido como referência para essa pesquisa é o Terreiro do Cobre – local que Sodré (2002) define como lugar onde “os saberes que se adquirem são úteis a múltiplos setores da vida em sociedade” Os principais momentos observados serão os das festas religiosas.

1.6 DEFINIÇÃO DE TERMOS

Criança Negra nessa pesquisa é aquela que:

- Possui descendência africana;
- Está na faixa etária de 1 aos 12 anos;
- Está agregada a religiões de raízes africanas;
- Habita em bairros populares;
- Frequenta escola pública.

Terreiro é territorialidade, regido pelo sagrado, é o local de conhecimentos e aprendizagens.

Formação Social e Pessoal é a base de construção do sujeito.

1.7 UM CAMINHAR METODOLÓGICO – DESCOBRINDO CAMINHOS

*“Nunca nos cansamos de ouvir mais uma vez, e
mais outra a mesma história”.*

Hampãté Bâ

Percebo que a linha de pesquisa que converge em suas características com meu modo de pensar, o estudo significativo sobre educação e criança negra, é a abordagem qualitativa, que na área de educação tem sido denominada etnográfica ou naturalística, (ANDRÉ, 1978, p. 09), porque esta se caracteriza, segundo André (op. cit.), pela observação sistemática das situações reais de campo onde os fenômenos têm maior probabilidade de ocorrer naturalmente e a partir dos quais podem ser desenvolvidas hipóteses e teorias, assim como pelo seu caráter aberto e flexível. Sendo assim, foi de fundamental importância um estudo interpretativo, em que se tentou compreender os fatos dentro do seu contexto, uma vez que no ambiente observado, o Terreiro, os problemas ocorrem naturalmente e o significado que as pessoas dão as coisas e às suas vidas foram e são focos de atenção para pesquisa. Desse modo será possível identificar a forma de aprender que favoreça a educação das crianças negras.

Bogdan e Biklem (1994), ao falarem sobre os problemas que o investigador se depara no trabalho de campo cita como impasse a autorização para conduzir o estudo. A minha convivência no Terreiro, entretanto, possibilita que eu esteja sempre com o grupo, falando sua língua, fazendo parte das relações, vivenciando e compreendendo os significados do grupo. “O pesquisador etnográfico deve realizar a maior parte de seu trabalho de campo pessoalmente”. ANDRÉ apud Walcott (1986, p.14). Percebe-se que vou além do que os autores chamam de etnografia quando convivo com os autores sociais da pesquisa, o que para Santos (1984), é ver e elaborar “desde dentro para fora”. Essa convivência possibilita observar como as crianças e até os adultos aprendem porque eu também estou aprendendo e interagindo.

Assim os procedimentos selecionados para coleta de dados foram: observação do tipo participante, entrevista conjugada com as histórias de vida, fotografias, relatos e

questionários abertos para os adultos. Como o Terreiro do Cobre, local do espaço empírico deste estudo, há muito tempo se constitui para mim um espaço de referência, local de aprendizado, tenho observado as conversas das crianças e adultos, como se dão as relações, os significados atribuídos ao sagrado, os valores perpassados no cotidiano, as atividades desenvolvidas, e todo processo de aquisição do saber que como membro religioso estou inserida, uma vez que faço parte do contexto. Schwartz & Schwartz apud MINAYO (1992) considera que o observador deve estar em relação face a face com os observados e, ao participar da vida deles, no seu cenário cultural, colhe dados.

Para esse tipo de estudo optou-se pela entrevista aberta, curta e de grupo, pois sendo as crianças os principais atores sociais do estudo, foi importante estar atenta a toda gama de subjetividade presente nas ações, como risos, choros, expressões faciais, silêncio, movimentos, entre outros. A entrevista de grupo possibilita várias pessoas juntas falarem sobre o mesmo tema. Para as crianças entrevistadas era sempre uma festa a hora das nossas conversas. Percebia que elas gostavam de falar de si, da sua família, do terreiro e até mesmo da escola. No início coletava as falas sem explicar para quê, tudo fazia parte de uma inquietação pessoal, ou melhor, de uma curiosidade. Quando resolvi escrever conversei com as crianças e alguns adultos. Disse para as crianças que eu estava escrevendo sobre o Terreiro e desejava que elas participassem. Nesse momento conversamos um pouco sobre a situação delas. Perguntei-lhes se na escola elas falavam da sua vida. Muitas disseram que a pró não deixava conversar e que conversa só depois da aula. Respondendo minha pergunta sobre conversar comigo, elas aceitaram com a condição de que a conversa não demorasse muito, por isso optei por entrevistas curtas. Pretendeu-se com isso deixar que as crianças se expressem livremente e com prazer a partir das abordagens levantadas. Biklem (1994) denomina como boas entrevistas, as que produzem uma riqueza de dados recheados de palavras. Confirmei as idéias de Biklem, todas as crianças queriam falar de uma só vez. É que a palavra para as crianças e adultos observados no Terreiro é a dinâmica de comunicação e aprendizado, que é veiculada como poder, força e energia. Um princípio de sabedoria na cosmovisão africana.

Ao analisar os dados colhidos, iniciei pela descrição detalhada procurando ser fiel a todo percebido, visto, ouvido e vivido para em seguida interpretá-los com a significação em que se propõe a pesquisa. Pois, *“a grande tarefa no campo da educação há que ser o de busca de caminhos e métodos para rever o que se ensina e como se ensinam, nas escolas*

públicas e privadas, as questões que dizem respeito ao mundo da comunidade negra. A educação é um campo com seqüelas profundas de racismo, para não dizer o veículo de comunicação da ideologia branca”.

1.7 CAMINHOS TEÓRICOS E PRÁTICOS: *CAMINHANDO CANTANDO E SEGUINDO A CANÇÃO...*

1.7.1 A Festa do Nome

O meu primeiro contato com o processo de aprendizagem no Terreiro aconteceu durante o processo de iniciação de um barco composto por oito iaôs. Entende-se por barco um conjunto de pessoas a ser iniciada na religião africana num mesmo período. Nesse tempo, eu comecei a frequentar o Terreiro como abiã ou como cita Edison Carneiro em *Candomblé da Bahia (2002)*, “força de reserva para os Candomblés”. Como pessoa não iniciada eu era sempre escalada para passar roupas, varrer os espaços, lavar pratos, ajudar na cozinha, sempre assessorada por uma mais velha, pessoa já iniciada na religião. Já atenta ao processo, percebia que nas comunidades de Terreiro, o trabalho era sempre dividido por todas e todos. Cada um tinha seu papel individual dentro do objetivo coletivo do Terreiro, que nesse dia era a obrigação pública do nome das iaôs.

Após um dia de intenso trabalho é chegada a hora da festa pública, onde todas as filhas mais velhas, Ekedes e Ogans orientados pela Yakekerê, mãe pequena do Terreiro, auxiliam a Yalorixá, chamada popularmente de Mãe de Santo do Terreiro. É um momento mágico onde cada orixá, dança e em público diz seu orunkó, seu nome. A festa continua entre alegrias, paós e muita fé. Após festa do nome, continuam as obrigações internas, pelas pessoas mais velhas, ficando a cargo das mais novas a arrumação e limpeza da casa. Durante o período de abiã aprendi que a Família de Santo era representada não só pela Mãe de Santo como pela Mãe pequena, Ebomes, Equedes, Ogans, Iaôs e Abiãs, todas com suas funções e lugares determinados. Ouvia que hierarquia, ou seja, o respeito aos mais velhos era fundamental para convivência, assim como o cuidado com as pessoas e com o aprendizado.

Percebi que a atenção e a dedicação eram importantes para o aprendizado que ali se desenvolvia e que todas as atividades desenvolvidas eram bastante ricas em simbologias, cada elemento era tão rico em si que eu impregnada pelo olhar ocidental de lidar com o

conhecimento sentia falta do lápis, do papel, dos significados por escrito de cada coisa; tinha a sensação de que nunca aprenderia.

Já integrante do Terreiro, participando como membro da comunidade, comungando dos valores comuns, participei no mês de janeiro, do ciclo de festa religiosas. Era meu primeiro ciclo de festa no Terreiro do Cobre.

1.7.2 JÁ NA CAMINHADA...

Fui procurar subsídios em outros autores fora do terreiro que pudessem referendar uma prática pedagógica de inclusão das crianças negras, percebi que a criança negra tem sido pouco estudada, deparando com um vazio bibliográfico sobre essa temática. Posso citar, o estudo de Mattoso (1993), Reis (2001), Cunha (1999), Mott (1972) que estudam a vida da criança escrava, nos apresentando um panorama histórico.

Para fundamentar os argumentos a favor da inclusão da criança negra nas propostas educacionais oficiais, encontro nos escritos de Eliane Cavalleiro dados que examinam as práticas racistas no cotidiano da educação infantil; Jaci Menezes em Educação e Identidade traz dados sobre a desigualdade no acesso à escola pelos negros; Narcimária Luz, em Abebe discute novos valores em educação; Ana Célia Silva desconstrói estereótipos negativos na reconstrução da discriminação do Livro Didático; Inaldete Pinheiro conversa sobre a construção da identidade da criança negra; Helena Teodoro busca caminhos nas Tradições; Heloisa Pires faz um breve perfil na Literatura Infanto Juvenil; Jeruse Romão trata da Construção da auto-estima da criança negra; Gloria Moura e Rita Amaral falam da importância da construção da identidade nas festas religiosas; Marco Aurélio Luz, acena para as necessidades de se romper com o Sistema de Ensino atual, mostrando outras formas de transmissão de saber e discorre sobre identidade negra e educação; Vanda Machado nos traz as vivências e invenções pedagógicas das crianças do Opô Afonjá . Ao lado desses autores é importante travar um diálogo com Juana Elbein, Verger, Bastide, Hampâté Ba e Sodré que nos apresentam o complexo cultural nagô.

Em seguida, foi necessário compreender as discussões de natureza epistemológica ocidental que, apesar de se constituir num referencial branco, pode favorecer a discussão

sobre a construção do conceito para a criança, no respeito ao percurso que faz para se inserir na comunidade humana.

Nessa perspectiva, Vigotski ao enfatizar a importância da cultura na conquista da humanidade pelo homem, vem a fortalecer o que este trabalho insiste em afirmar - a cultura negra não é reconhecida nas práticas concretas das crianças negras que procuram a escola.

Outros teóricos, que também tem uma produção fincada nas raízes da educação, da cultura, da identidade e das emoções podem favorecer as discussões defendidas por esse trabalho XIRÊ – Proposta para inclusão das crianças na Educação Infantil: O Saber nas festas do Terreiro do Cobre, de modo a orientar uma prática pedagógica infantil mais comprometida com as questões étnico-raciais.

O presente trabalho está estruturado em Introdução e três partes. Na introdução apresento o tema / objeto, problema, objetivos, metodologia, teóricos e espaço da pesquisa. No capítulo seguinte, apresento o Terreiro do Cobre como um Território Negro. O próximo capítulo é um estudo intitulado Xirê – As Festas Religiosas: saber ancestral e conhecimento que trata das festas e seu processo de aprendizagem, para em seguida, compreender os significados das festas religiosas como processo educativo e só então partir para as conclusões finais.

2. O TERREIRO DO COBRE – “Um território Negro”

Terreiro do Cobre

Todos, mas todos mesmo, deveriam conhecer o Terreiro do Cobre.

Fica em Salvador, no Engenho Velho da Federação, lugar de muita mística revolucionária. Dizem, eu não sei, que por ali passaram os Malês. Negros muçulmanos que engendraram uma das mais belas páginas de revolta do povo negro nesse país.

Quem sabe o Cobre, não articulou reunião para apoiar a revolta? Sei lá, esse povo do Cobre adora política, organização, promovem cursos, fazem festas, desfilam pelas ruas da cidade uma auto-estima própria de quem se sente inteiro. Coisas de filhos de Xangô.

O que circula pelo Cobre, é de uma magia impossível de precisar em letras, por mais que essas letras sejam talhadas em versos, por mais que essas letras sejam forjadas do mais puro metal que Ogum (meu pai) depositou no colo de Oyá. Senhora das tempestades e dos vendavais. No Cobre, os vendavais nascem dos olhos de Lindi, que amanhece em combustão, que tem nos seios lavas vulcânicas. Adoro sentir nos passos de Lindi, os brados de Oyá na guerra.

Não existe frieza no Cobre, tudo naquele candomblé nos convida a viver, a sentir na força da fogueira de Airá, a pulsação da vida se movendo.

Diz a lenda, que Céu, outra filha de Oyá, de beleza nunca vista, nem em prosas de João Ubaldo Ribeiro, Céu, que baila como bacantes em uma sinfonia banto, uma semi-

deusa entre nós. Que serpenteia seus olhos comoafiadas navalhas e deixa os homens prostrados. Céu que tem na boca mel e veneno, que faz com que todos queiram adormecer em seus braços. Como é lindo vê-la bailando, no salão perfumado do Cobre em dias de festival. Como é linda.

Kika é minha mãe, e por isso falarei dela com a reverência que o momento obriga. Kika é morna e salgada como o oceano à noite, é misteriosa como as braçadas do pescador no momento do presente à Yemanjá. Esqueçam o 2 de fevereiro, estou falando de outros mistérios. Falo da prata envolvente dos olhos de Kika incorporada.

Kika me quis bem, no primeiro dia em que nos vimos, trocamos axé, desde então sob suas preces, fico calmo e flutuante.

Cutu e Tom, orquestram os sons que nos levam a contemplação sagrada do universo. No Cobre o universo repousa livre, imerso nas curvas do arco-íris, morada de Oxumarê, a serpente sagrada que equilibra o mundo. Nas mãos de Maia está confirmada a circularidade do tempo, talvez onde repouse sua mãe, que já se aquece nos braços de Olorum. Chegamos a calda de Dã orixá de Bia, rainha tropical de sutil movimento de corpo. O universo é tão redondo com o toque bravum, só quem conhece entende, e no

Cobre se toca a continuidade do tempo. Se chama Ogum para festa, minha irmã Dó, que guerreia pelo mundo como eu. Não posso esquecer Suka, meu poeta preferido entre os poetas. Salvador não o merece.

Na marcha incandescente desses quase míticos personagens, fruto de meu mais puro e profundo amor pelo Cobre. Tem o encanto do sorriso de Té, tão doce em seu olhar de quem quer confortar quem chora.

E Zene, que me acalanta com sua voz de acorde maior, um lamento em poesia monumental. Zene conhece meu respeito e minha estima infinitos por seu ritmo. Zene sabe de meu

amor por Ana.

Ana é filha de Nanã, com seus olhos de lagoa, Ana me ensinou por sonho, a confiar em minhas próprias pernas, passou por minha vida e continua presente para me curar as feridas. Surgiu perto de mim no carnaval, dentro das embarcações sonoras do Ylê Ayê, nos beijamos longamente, rompemos as barreiras dos que nos queriam longe, nos amamos, e nosso abraço foi um encontro mítico. O ferro e a lama se fundindo. Eu a reconheço humilde e comovido. Como a minha mais doce lembrança de amor, na cidade da Bahia. Minha Salvador de mágoas e marés, de canções e desespero.

Ana sabe quem sou eu, um simples vagabundo, maloqueiro, bom de briga e encafifado com a idéia de mudar o mundo, colocá-lo de ponta-cabeça, exterminar a pose e a vaidade que corre solta pela terra.

*Sou de problema,
mas Ana me quis assim mesmo.*

Não deixo de amá-la, a lama se fez verbo e está aqui no meu peito. Me aguardem.

No Cobre sinto-me assim dentro de casa, e quando vejo Valdelio, sábio Ogã de Xangô, que já me disse tanto de um mundo novo. Que sendo meu referente, me inspirou a aprender sobre meu povo.

Estou seguro nesse Cobre por fios serenos das águas de Oxalá.

*O Cobre é “Um palácio de ouro arrudiado de jóias”
O machado de asas de Xangô, aquece minha lembrança, e eu sinto muita falta de Bel, com ele aprendi dessas coisas de cantar.*

Bel não está mais aqui, não importa, sua memória terá sempre o tributo de minha poesia.

E por fim, a beleza e a força de Valnizia, a sutileza de

*seu olhar preparando a noite, a maestria de sua voz
convocando os deuses para nos confortar.*

Valnizia é uma mãe para mim.

*Uma irmã que me conforta muito por estar levando a
embarcação por águas calmas, as águas da fé Yorubá, do
tronco de Ya Nassô.*

*Eu beligerante e arredio, tímido e silencioso precisava
gritar como agora faço, para que todos conheçam o amor e
a amizade que tenho pelo Cobre, para que todos conheçam o
Cobre.*

*E para que eu não morra de saudades,
desse filhos e filhas do trovão.*

São Bernardo do Campo/SP

13 de fevereiro de 2003

Hamilton Borges Walê

O Terreiro do Cobre é um dos mais antigos e tradicionais Terreiros de Candomblé da Bahia. Sua história remonta ao século XIX quando no final de 1889 se transferiu da Barroquinha para o então Engenho Velho de Cima. Segundo registros etno-históricos e os relatos orais dos mais velhos, que são os veículos de comunicação dos descendentes de africanos, o Cobre teria sido fundado por Tia Margarida, uma filha de africanos da cidade de Kossô que ao fundar o Terreiro traz consigo uma gama de informações culturais negro-africanas.

Instalado no Engenho Velho de Cima, hoje Engenho Velho da Federação, um dos muitos bairros negros de Salvador, O Engenho Velho da Federação abrigou e ainda abriga um grande contingente da população negra desde o século XIX. Isso faz com que hoje encontremos no Bairro mais de trinta instituições religiosas de raiz africanas que não se deixaram segregar pela modernidade, além das associações culturais. Como espaço de negros, o bairro mistura o profano e o sagrado quase que diariamente, é o toque de sinos, atabaques, tambores que se confundem com a sirene da polícia ou com os chamados das mães e tias aos filhos, aos anúncios do alto falante local, aos rádios ligados em altos volumes, bem característicos das comunidades negras urbanas de Salvador. No final de

semana todos os bares têm som e muita movimentação de pessoas, parece que toda semana tem festa no Engenho Velho, apesar de toda violência que hoje ronda a periferia de Salvador. Culturalmente o bairro abriga grupos de samba e pagode que nos finais de semana movimentam a rapaziada. No Engenho Velho da Federação acontece anualmente no mês de novembro a procissão de São Lázaro, os mais velhos do bairro contam que já se fez mais de cem procissões. A cada ano, São Lázaro é recebido em uma família que é responsável por organizar a festa junto aos moradores. É uma grande festa, uma grande procissão que vai até a igreja de São Lázaro cumprir a parte religiosa e retorna ao bairro onde todos comem, dançam e bebem até o amanhecer. É uma festa tradicional, porque está viva agora e tem raízes, raízes afro-brasileira.

Continuando a história do Cobre, no Engenho Velho de cima, o Terreiro passa a ser dirigido, pela Iyalorixá Flaviana Maria da Conceição Bianchi, ela própria filha da fundadora. Por razões da tradição da Casa, somente os descendentes consangüíneos podem dirigir espiritualmente o Terreiro.

No período em que dirigiu o Cobre Iyá Flaviana Bianchi o transformou em um dos maiores e mais respeitados Templos Afro-Brasileiros da Bahia. Teria sido ela responsável pela iniciação de mais de 300 filhos de Santo (Carneiro, 1948), sendo que muitos fundaram as suas próprias Casas de Culto.

Jorge Amado, o mais famoso escritor da Bahia e um dos maiores do Brasil, no seu famoso livro, *Bahia de Todos os Santos*, relaciona o Terreiro do Cobre, de Mãe Flaviana Bianchi, como “Casa séria”. No mesmo texto indica o seu endereço que é o mesmo da atualidade, isto é, a Rua Apolinário Santana (Amado, 1991). Edison Carneiro, um dos mais respeitados etnógrafos do Brasil e um dos mais consagrados defensores dos Candomblés da Bahia na primeira metade do atual século, período cruel da repressão policial, cita o Terreiro do Cobre em duas oportunidades: A primeira no seu conhecido livro *Candomblés da Bahia* nas páginas 86, 124, 129, 130, 174 e 175. Observe-se que a primeira edição deste livro é de 1948, portanto, oito anos após o falecimento de Mãe Flaviana Bianchi. A segunda citação de Carneiro é em um artigo onde o escritor comenta um livro de José Medeiros, chamado *Candomblé* (Medeiros, 1957), quando afirma ser o Cobre uma das “casas mais significativas da Bahia”, ao lado de Terreiros como Gantois, Casa Branca e Axé Opô Afonjá. No primeiro livro mencionado, *Candomblés da Bahia*, Edison Carneiro

refere-se (p.86) à uma festa chamada *Corda de Ibeji* como uma originalidade só cultuada no Cobre, tradição que, aliás, é mantida até os dias atuais, relata mais adiante. Na página 124 o mesmo autor assinala que a numerosa “prole” de iniciados no Terreiro do Cobre, assim como em outros Candomblés conhecidos, se deve à importância do mesmo no cenário religioso.

Das mencionadas citações depreende-se que o Terreiro do Cobre não só era conhecido da Bahia antiga como também respeitado pela seriedade com que sempre cultuou o Candomblé, e não é por outra razão as elogiosas menções de pessoas tão insuspeitas como Jorge Amado e Edison Carneiro.

Após o falecimento da Iyalorixá Flaviana Bianchi, em agosto de 1940, com 90 anos de idade (Carneiro, p.130), a direção do Terreiro ficou sob a responsabilidade da sua filha consanguínea Maria Eugênia de Jesus, Maria de Oxum, segundo Jorge Amado (p.180), que o dirigiu até 1978. Com o falecimento desta, o Cobre foi zelado por Dona Das Dores de Iemanjá, velha liderança religiosa do Cobre, que também viria falecer no final da década de oitenta.

Como já foi mencionado, o Terreiro do Cobre só pode ser dirigido por pessoas da mesma linhagem de parentesco. Por isso, com o falecimento de Dona das Dores, o Cobre somente teria uma nova liderança espiritual no início da década de noventa quando os Orixás escolheram a Mãe Valnísia Pereira Oliveira, bisneta de Flaviana Bianchi, para ser a Iyalorixá do Terreiro do Cobre.

Quando assumiu o cargo de líder espiritual do Terreiro do Cobre, Mãe Valnísia de Ayrá, encontrou as instalações físicas da Casa em precário estado de conservação. Estava posta para ela, então, como cultuadora de Orixá e originária da famosa Casa Branca, Terreiro irmão do Cobre, a tarefa de fazer um enorme esforço não só para recolocar o Cobre na sua tradicional condição de um Candomblé de destaque, como também a responsabilidade de juntar as antigas pessoas da comunidade para recuperar os danos físicos provocados pelo tempo durante o período em que o Cobre esteve fechado. É dessa época que, em mutirão, os remanescentes da comunidade religiosa centenária e algumas pessoas do bairro tomaram a iniciativa de reconstruir casas de obrigações dentro e fora do barracão principal e construção de muro de proteção em torno dos locais sagrados de obrigação. Com esses

esforços conjuntos o Cobre pode, hoje, ostentar da orgulhosa condição de uma Casa respeitada por todos os cultuadores e simpatizantes do Candomblé, não somente pela beleza das suas festas públicas como também pela seriedade, respeito, harmonia e paz de como pratica a Religião. Além disso, confirma o respeito às tradições ancestrais, haja vista a permanência no Terreiro de familiares que conheceram ainda em vida a Iyalorixá Flaviana Bianchi e permanecem até os dias atuais praticando os seus ensinamentos, como Aristotelina Fiúza – Tia Telinha de Iemanjá -78 anos, Tia Edite Cardoso Miranda, Ekede de 88 anos e Joana de Ebome de Obaluaiê, 68 anos de iniciada e 91 anos de idade. Por essa razão é que o Cobre tem estado hoje voltado ao culto do Candomblé, e, ao mesmo tempo, procurado desenvolver atividades voltadas para toda a comunidade em sua volta. Como filha da Casa Branca do Engenho Velho da Federação (Ilê Axé Iya Nassô Oká), Mãe Val fala sempre que a sua casa foi local de origem dos Candomblés da Bahia, relatando as histórias contadas por seus mais velhos. À guisa de ilustração, Carneiro (1948) relata que fundaram o Engenho Velho três negras da Costa de quem se conhece apenas o nome africano – Adêta (talvez Iya Dêta), Iyá Kalá e Iya Nassô. O autor continua afirmando que há quem diga que a primeira destas foi quem lhe plantou o axé, mas esta procedência não parece provável, pois ainda hoje o Engenho Velho chama-se Ilê Iya Nassô, ou seja, Casa de Mãe Nassô. Mais tarde, casa avó do Terreiro do Cobre pelo parentesco de mãe Val.

O Terreiro do Cobre atualmente limita-se a um espaço de 393 metros quadrados. Em tempos de Mãe Flaviana o Ilê do Cobre teve outra forma de estruturação física, Vô Moura contava que metade da área do Engenho Velho de cima e suas ladeiras pertenciam ao Cobre. A evolução urbana, num período que o Terreiro encontrava-se fechado aguardando que a nova Iya assumisse, levou a redução do seu espaço.

Hoje o Terreiro do Cobre é composto por uma Casa grande onde se encontram os aposentos da Iyalorixá, os cômodos que abrigam a Iyakekeré e os filhos de santo, o Salão de festa Pública que chamamos de barracão a cozinha e os cômodos sagrados. Na parte externa à Casa encontra-se uma pequena área de transição, alguns cômodos sagrados e uma árvore sagrada com um pouco de mato ao redor. A redução do espaço do Ilê atingiu como relata Serra (2001) um ponto extremo. “A perda das árvores sagradas e do mato próximo representou severa limitação...” Porém o Ilê do Cobre e seu clero continuam prestando serviços religiosos e outros, à comunidade, pois preserva uma identidade étnico-religiosa.

Nesse sentido, Sodré (2002) acentua que pouco importa a pequenez do espaço topográfico do Terreiro, pois ali se organiza, por intensidades, a simbologia de um Cosmos.

A relação bem próxima que Mãe Val já tinha e tem com as crianças do Terreiro e da comunidade, fez com que ela, sensibilizada com a situação do Bairro do Engenho Velho da Federação, reunisse seus filhos de santo e falasse dos seus sentimentos. No plano civil, o ebé do Cobre já era representado pela sociedade Beneficente e Religiosa Filhos de Flaviana Bianchi, portanto, só faltava construir projetos que visibilizassem a vida das crianças que se encontravam fora da escola.

O nosso primeiro projeto foi o da Tele Sala do 1º Grau, em convênio com a Fundação Roberto Marinho, que procurou alfabetizar pessoas adultas da comunidade que não tiveram oportunidades em estabelecimentos oficiais. O segundo foi o Projeto de Profissionalização para Cidadania, em convênio com o CEFET e instituições da sociedade civil, cujo objetivo é capacitar os adolescentes do bairro em profissões que os possibilitem almejar o tão sonhado primeiro emprego. Finalmente, foi aprovado o Projeto social do Cobre, em convênio com a Fundação Cultural Palmares/MinC, que têm como objetivos alfabetizar, capacitar profissionalmente e desenvolver práticas culturais de origem afro-brasileira com crianças e jovens da comunidade, o projeto construído pelo Terreiro e apoiado pela Fundação Palmares contemplava a Alfabetização de Crianças durante os anos de 1998 até 2001, com encaminhamento para escola oficial.

Com as quatro turmas de 20 alunos da alfabetização e os quase 200 jovens do profissionalizante, aprendi muito. Nesse período, além de filha de santo, eu era também Coordenadora Pedagógica dos Projetos, responsável por passar uma educação significativa para aqueles alunos. Como eu já observava a forma de aprender que se desenvolvia com as nossas crianças e jovens no Terreiro, apresentei como sugestão, criarmos uma metodologia que privilegiasse a cultura e os valores dessas crianças e jovens, partindo sempre de suas vivências para novas aprendizagens. A partir daí, fui escrevendo tudo que percebia como simbólico, como motivador, como significativo. Começo, eu, a Professora da turma, Neném de Oxum, depois Equede Lucimar, Eliane de Oxalá e Lindi de Oya, a buscarmos elementos simbólicos que contemplassem nosso objetivo.



As crianças, entre elas Ludimila, filha de Lindinalva de Xangô, e os alunos dos cursos profissionalizantes passaram pelo Terreiro no primeiro dia de aula, tocaram, cantaram e dançaram e brincaram como costumavam viver naquele espaço, nosso maior desafio neste momento era fazer com que as crianças gostassem de estar na sala de aula como gostavam de ficar no Terreiro.

Participamos também de todos os projetos em parceria com a Capacitação Solidária em Salvador, desenvolvendo trabalho com 90 jovens nos cursos de informática, artesanato e grafiteagem. Trabalhamos também em parceria com a UFBA, UCSAL E CEAFFRO e outros Terreiros da comunidade.

Atualmente estamos executando em parceria com o Terreiro Tanuri Jussara, o JEJE, a UNEB e a Fundação Palmares, o Projeto Roda Baiana, estamos em fase de organização da II Passeata Contra Intolerância Religiosa promovida pelo Terreiro do Cobre, além de continuarmos com nossa Roda de Conversa e exibição de vídeos que antecedem o nosso 11ª Jantar Cultural.

Com esses projetos a Sociedade Beneficente e Religiosa Filhos de Flaviana Bianch, de

acordo com as orientações da nossa Iyalorixá Mãe Valnísia de Ayrá, busca dar a sua parcela de contribuição para que as crianças e adolescentes da comunidade do Engenho Velho da Federação tenham um futuro mais promissor na sociedade, o que, para nós, é também uma forma de fortalecer a auto-estima religiosa dos nossos filhos e irmãos.

O Terreiro do Cobre é uma instituição antiga e com uma ocupação territorial comprovada e ininterrupta desde o século passado até os dias atuais, que tem procurado preservar as qualidades positivas de sua herança religiosa ancestral, buscando ampliar o seu raio de atuação ao incorporar preocupações mais contemporâneas, como as ações de ordem sócio-educacional.

3. XIRÊ – AS FESTAS RELIGIOSAS DO TERREIRO DO COBRE: SABER ANCESTRAL E CONHECIMENTO

No Terreiro do Cobre, local de cosgomonía nagô em que se acham presentes as duas metades da cabaça da existência, o Orum e o Ayê, mundo visível e invisível, o conhecimento é perpassado através da herança da sabedoria tradicional africana. As festas religiosas para as comunidades de Terreiro são rituais, prece, alegria, sabedoria, louvação, cotidiano, religião, vida. Assim se constitui “o momento em que as identidades dos grupos se expressam plenamente”. (AMARAL, 2002, p.31). Esse princípio vem desde nossos ancestrais em que a celebração marcava todas as passagens da vida. Havia celebrações para o nascimento, para escolha do nome, para o plantio, a colheita... Até para morte. Durante as festas africanas eram repassados os valores sociais e religiosos, os princípios.

Ao exemplo das festas africanas, as festas nas comunidades de Terreiro manifestam a identidade do grupo, representando seus valores sua organização social. É na Festa Religiosa que valores e tradições africanas são renovados e reafirmados, a cada festa um novo compromisso de fé e vida é fortalecido “a vivência da religião e da festa é tão intensa que acaba marcando de modo profundo o gosto e a vida cotidiana do povo de santo.”(AMARAL, 2002, p.30)

Essa intensidade que a autora afirma, é explicada pelas filhas de santo do Terreiro:

A festa é tudo, é a religião, a gente se envolve, se preocupa, gasta, se diverte, reza, brinca e cultua nossos orixás.

A festa é o momento mais importante. Quando passa o ciclo, a gente sente muitas saudades, ainda bem que as outras atividades continuam.

As festas do Cobre são verdadeiras celebrações da nossa herança ancestral africana e afro-brasileira. Nas festas a gente se desdobra para que tudo saia o mais bonito e perfeito. Mesmo quando nos queixamos do cansaço, do trabalho, do desgaste que ainda está por vir (à noite), ainda assim, tenho certeza, é muito prazeroso aquele burburinho, ir e vir de pessoas, de

sonhos, de desejos, tristezas também, e, principalmente, de esperanças.(L.B.)

A festa é o momento fortalecedor das identidades, é o momento que realmente se integra e transmite valores essenciais à vida da comunidade, nas festas estão implícitas suas histórias as histórias dos antepassados, dos orixás, a forma que se aprende que se ensina, que se canta, que se reclama, que se dança, que se escuta, que se fala... É por isso que nas festas se recebem os Orixás para que eles renovem sempre esses momentos, para que eles possam sempre existir, passando de “gerações em gerações”.

Essas festas são organizadas pela Yalorixá do Terreiro e seus filhos mais velhos através do calendário anual que reverencia inicialmente os Eguns, ancestrais, garantindo a continuidade da comunidade, para em seguida reverenciar o Orixá Exu mensageiro entre o Orun e Ayê, que leva os pedidos para que as festas aconteçam com autorização dos ancestrais. Como Exu representa o “princípio da dinâmica social e da personalidade, a expressão das incertezas humanas” Siqueira (1998, p. 560), é certo que nada se inicia no Terreiro sem antes pedir licença a Exu. A importância de reverenciar esse Orixá é explicada sempre antes da realização do rito da festa por Mãe Val, que demonstrando estar feliz pelas realizações, conclama com alegria expressa nos gestos, suspendendo os braços eufórica, diz:

Vamos pedir tudo de bom que a gente quer para esse novo ciclo de nossas vidas, é esse o momento de pedir a Exu realizações, saúde, trabalho, amor, alegria, energia, tolerância...Laraiê! (Ó, dono das forças).

Esse ano (2006), todos ficamos muito emocionados e felizes, é que Mãe Val com sua grande sabedoria pediu que todos presentes dessem as mãos; crianças, adultos, e idosos; homens e mulheres; filhos da casa e visitantes formaram um círculo ou melhor uma corrente e aí ela começou a rezar, cantar e agradecer aos orixás, falando da importância de se agradecer e não só pedir.

EXU

*Leva minha mensagem aos orixás
Agradece pela vida que me dá
Tu que traças e abre novos caminhos
De viver, de amar, de fazer, de trabalhar, de suar...
Laroiê! - Ó, dono da força! Escutai, escutai, escutai
Silvinha Arcanja*

3.1 AS FESTAS RELIGIOSAS DO TERREIRO DO COBRE: CALENDÁRIO LITURGICO

De acordo com o calendário litúrgico do Terreiro do Cobre a primeira festa pública é a festa de XANGÔ e de IEMANJÁ, acontece sempre na segunda semana de janeiro. Em seguida ainda em janeiro acontece a festa de OGUM, OXOSSI, OSSAE e LOGUN. Em fevereiro acontece a festa de OMOLU, NANA, OXUMARÈ seguida da grande festa de OXUM. No mês de março saudamos as Iabás IANSÃ, OBA, EWA e IBEJI, para finalmente em abril homenagearmos XANGÔ AIRÁ e OXALÁ.

No Terreiro do cobre, mãe e filho são festejados juntos, Iemanjá e Xangô.

IEMANJÁ, rainha das águas salgadas é considerada mãe de todos os orixás, seu dia de culto no Brasil é o sábado e suas vestes geralmente são de cores claras entre o azul, verde e branco, que são as preferidas da mãe dos mares e oceanos. A rainha do mar segura na sua mão enquanto dança um símbolo prateado chamado abebe, sua dança mágica reflete os movimentos das ondas, é saudada por todos com as palavras Odó iya! - Mãe da Água!

XANGÔ, divindade dos raios e do trovão, tem como elemento o fogo, suas vestes trazem as cores vermelha e branca e seu símbolo principal é um machado. O orixá da alegria e da justiça é cultuado no Brasil as quartas feiras sendo saudado pela expressão Kawo Kabiesilé! – Venham ver o rei descer à Terra.

.

3.2 ALEGRIA, FOGOS, AMALÁ: É FESTA DE XANGÔ E DE IEMANJÁ NO TERREIRO DO COBRE

Era festa de Xangô, orixá protetor do Terreiro do Cobre, poderoso, justo, majestoso é o rei que domina os trovões e os raios, e de Iemanjá, a mãe de todos os orixás.

Já na véspera da festa a casa estava cheia de filhos e filhas, todos participavam dos trabalhos de preparação para a festa numa dinâmica totalmente interdisciplinar, em que a tônica do trabalho é a integração, é que no Terreiro todos têm suas funções definidas, porém o tempo todo das atividades nas festas as funções são desenvolvidas com cooperação, todos dependem de todos e o objetivo é único, como afirma (Japiassu, 1976, p.74) as ações nesse momento se caracterizam pelas intensidades das trocas, todos os filhos cooperam uns com outros. Ogans, Equedes, Adoxos se unem para alcançar a unificação, a realização da Festa de Xangô e Iemanjá.

É hora de colocar de molho os cereais que vão ser utilizados para o preparo da alimentação dos orixás, de limpar o ambiente, lavarem os utensílios, passar e gomar a roupa, preparar os enfeites, organizar os materiais litúrgicos, organizar a cozinha, providenciar folhas, recomeçar e continuar. L.D. filha do Terreiro comenta sobre as pessoas estarem a cada ciclo recomeçando e fortalecendo identidades.

L.D. filha do Terreiro comenta sobre as pessoas estarem a cada ciclo recomeçando e fortalecendo identidades.



“Pessoas iniciadas há mais tempo, que, mesmo reclamando, estão sempre ali, repetindo os atos, as falas, as "artes", os fazeres, etc.; pessoas recém-iniciadas que entendem menos, mas querem aprender mais; pessoas que ainda não foram iniciadas, para quem tudo é lindo e maravilhoso, tudo é expectativa e desejo. Enfim, para todos, é o exercício de um outro mundo, diferente, onde as ordens são outras. Muitas vezes me pergunto: porque será que a gente todo ano volta para fazer tudo igual? Acho que tem várias respostas, mas a principal é a certeza de que essa repetição é fundamental para a nossa sobrevivência como descendentes de africanos. Por isso todos os anos voltamos para fazer as festas do Cobre.”



As crianças, sempre presentes, junto aos adultos, participam de todo processo, ora brincando, ora observando, ora tocando, ora despetalando folhas, construindo seus princípios, seus vínculos, seus vínculos, seus saberes, através dos valores transmitidos pelo grupo, eles aprendem a rezar, rezando; a cuidar do espaço ajudando; aprendem o sentido das folhas na hora de desfolhar os galhos para as atividades; aprendem a respeitar os mais velhos e os mais novos, a convivência vai ensinando sem pressa, mas com paciência sobre a forma de viver do seu povo, da sua comunidade.

Sobre isso posso mostrar algumas expressões das crianças ao responder sobre o que eles costumam fazer no Terreiro. Com movimentos, risos, empurra - empurra e toques no banco eles comentam:

“Eu brinco, toco, rezo e faço as coisas de ogã que minha vô manda.”

“Eu corro, toco atabaque, como, brinco, faço um bocado de coisas.”

“Ah! Eu ajudo as minhas irmãs com os bichos, lavo pratos, varro, rezo, converso...”

“Na hora da matança, eu fico quieto... (risos) a gente fica lá em cima brincando...”

“Eu gosto de ficar tocando...”

“Mãe Val não gosta que a gente toque toda hora...”

“É por que ta fazendo coisa lá dentro (aponta para os quartos dos santos) meu tio Manto fica retado com a gente...”

“Teve um dia que eu tava brincando de bater, aí meu tio Manto me chamou e disse que também ia brincar pra ver se eu ia gostar. (Todos riram)”

“Viu nego, eu me saio é de Tom...(risos)”

“Eu também...” (Crianças do Terreiro com idade entre três e onze anos)

As festas no Terreiro possibilitam as crianças desenvolverem em potencial aspectos sociais e pessoais ao interagir com o grupo de forma natural e espontânea. Elas se juntam e falam de si mesmas, do que gostam, do que sabem fazer, falam dos pais, da escola, da professora, dos colegas, falam da convivência. Algumas assumem o papel de líder. Aqui no Terreiro Aynã por ser o maior, sempre está comandando o grupo; brincam, brigam e voltam a brincar, como assinala a fala de uma das crianças *“a gente fica em silêncio quando precisa, depois a gente brinca corre e toca atabaque”*. Todo esse movimento das crianças no Terreiro desenvolve o sentimento de pertencimento ao grupo; ao se vestir com trajes litúrgicos, rezar, salvar a casa, tomar abençoção, ou cuidar dos elementos, as crianças aprendem as regras do convívio convivendo no Terreiro.

Lorrane filha da Ebome Lindinalva de Xangô com dois anos já consegue unificar os movimentos do corpo; ela dança, deita para tomar benção, salva a casa e reza. Loloca aprende com a imitação e a interação nas festas que já é parte do grupo, construindo através do simbólico sua identidade.

Outras crianças falam..

“Sei quem são os orixás, gosto mais de Xangô.”

“Eu gosto mais do Omolu de branco.”

“Acho Iansã bonita quando dança.”

“Gosto das festas, gosto dos orixás, gosto de ficar aqui...” (Crianças do Terreiro com idade, entre cinco a onze anos).

É nas festas que crianças e adultos podem conviver com o que sua cultura lhes oferece, possibilitando então construir e/ou afirmar uma identidade comum, do grupo a que pertencem, desenvolvendo novos aspectos na linguagem, vestimentas, penteados, formas de relacionamentos, respeitando os valores ancestrais herdados. Falo daqueles “aspectos de nossas identidades que surgem de nosso pertencimento a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas...” (Hall, 2001, p.8)

A escolha de continuar nas festas faz fortalecer esse desejo de manter a identidade do grupo a qual pertence, faz manter forte a tradição, as raízes. Uma tradição construída coletivamente caracterizada pela visão do grupo. Essa afirmação se encontra com o pensamento de Sodré (2002), quando ele pontua sobre o que “dá identidade a um grupo são as marcas que ele imprime na terra, nas árvores, nos rios”.

Mãe Val fala sempre que Xangô, o dono da casa – Terreiro do Cobre, gosta de alegria. Por isso bem cedo nas festas, os Ogans começam a soltar fogos, os atabaques começam a tocar, os mais velhos já estão de pé, todos começam a se levantar com o nascer do sol, começa todo o rito de preparação para festa de Xangô. Após o banho, todos salvam a casa saudando todos os Orixás, tomam a benção e se preparam para o rito em que os animais são oferecidos aos orixás, iniciando assim o processo educativo presente em todas as festas. Os filhos mais novos acompanham sempre os mais velhos, reproduzindo seus gestos e ações, as crianças também observam, aprendem e se identificam ou se diferenciam. É um processo de aprendizagem totalmente diferente, que inclui, reafirma e reconstrói uma identidade religiosa, de vida, é um currículo invisível em ação. Nesse momento aprende-se o respeito aos mais velhos e mais novos, regras sociais para conviver em grupo, a importância dos alimentos como fonte de energia para o corpo, o cuidar de si e do outro...



A cozinha é sempre o local mais movimentado é onde se preparam os alimentos sagrados, nesse dia o principal alimento é o Amalá de Xangô, e o Ebô de Iemanjá, por lá se passam todas as histórias, acordos e comentários sobre a festa, é onde os principais ensinamentos são transmitidos através da tradição oral como um processo metodológico próprios dos Terreiros, num movimento de aprender ouvindo e fazendo, contemplado pela citação de Hampatê Ba (1982) quando afirma que “a tradição oral africana é a grande escola da vida e dele recupera e relaciona todos aspectos” e Santos (1984) ao dizer que a transmissão oral nos Terreiros se constitui numa técnica a serviço de um sistema dinâmico. Ao longo dessa vivência, entendi que no Terreiro tudo se aprende com palavras, histórias e convívio social. Isabela filha de Ogum chegou ao Terreiro com 06 anos, hoje com 20 ela afirma que a aprendizagem no candomblé é gradual e corresponde às iniciações ritualísticas, cada momento de cada um determina a maturidade dentro da religião... *Eu aprendo cotidianamente com as pessoas mais velhas, também com as mais novas e sobre tudo cultuando os orixás.*

Durante o dia, pode-se ouvir conversas e brincadeiras entre irmãs de santo que se referem ao orixá Xangô e suas Yabas, (orixás femininos), como mulheres de Xangô, outras vezes ouvem-se cantigas sagradas e toques feitos pelas crianças. As crianças após as primeiras cerimônias do dia tomam conta dos atabaques, todas sabem alguns toques e cantigas, não receberam nenhuma aula, elas ouvem e repetem o que ouvem, fazem assim até tocarem, cantarem, dançarem, cozinharem, entendendo o que estão fazendo, pois constroem seus

conhecimentos a partir de representações significativas, referendando os elementos dos orixás homenageados. É a partir das interações sociais que os sujeitos constroem seus conhecimentos, a linguagem, o valor, as regras, os símbolos, os mitos aprendidos com a convivência nas festas são conhecimentos que as crianças adquirem no grupo, interagindo. Isso quer dizer que a prática de sala de aula precisa partir da prática social dos alunos, do que dá sentido a esses alunos no seu dia- a- dia.

Ao perguntar como eles aprenderam a tocar eles responderam:

“Aprendi olhando, eu ficava olhando os ogans e depois tocava no banco.”

- Como?

“Assim, pan pan pan panpan, isso é avamunha..”(representação feita no banco)

“Eu aprendi com Buguinho, ficava olhando ele tocar.”

“Eu aprendi com Valnei, agora já sei tocar tudo para os orixás.”

“Eu gosto mais de tocar no atabaque grande, (rum), como Papadinha. (Alabé da casa Branca). (Crianças do Terreiro)



Essencialmente a organização do saber dessas crianças se dá pelas representações simbólicas; as palavras, as imagens, os contatos, as pessoas, os toques, as cantigas, os fazeres, os gestos, os objetos nas festas, são elementos da sua cultura que observados ou imitados geram aprendizagens, possibilitando que as crianças organizem seus pensamentos e desenvolvam sua linguagem. Elas classificam e relacionam, ampliando e construindo novos conhecimentos de mundo. Numa conversa com as crianças Ayrã, (05 anos), perguntou a mãe Val o que era carta de alforria. Mãe Val explicou fazendo uma relação com o presente, com a importância de ser livre e saber viver a liberdade que temos. Ele virou-se para mãe Val e disse *“eu é que sei que vou aproveitar minha liberdade, vou é estudar e trabalhar...”*.

Ayrã como outras crianças de cinco anos que vivem em grupos distintos como o terreiro apresentam uma rica linguagem materna que deve ser aproveitada e enriquecida na escola. Ainda posso falar através do registro das crianças sobre a relação espaço/ tempo implícita nessa conversa, e muito presente nas festas religiosas, pelas falas, toques, cantos, histórias contadas e movimentos. O tempo/ espaço sempre dinâmico.

“Para o africano o tempo é dinâmico e o homem não é prisioneiro de um mecânico retorno cíclico, podendo lutar sempre pelo desenvolvimento de sua energia vital” (RIBEIRO, 1996, p. 63). Quando as crianças se referem aos toques e sons demonstram que conhecem a dinâmica da seqüência temporal e espacial, isto é, já ordenam as idéias de tempo e espaço, para realizarem essas ações. Lembram-se do pan, pan, pan, pampan. (toque representado pelas crianças no banco), pois é, não precisamos pedir para as crianças na escola ficar ligando ou cobrindo figuras, elas sabem como construir as imagens e as figuras e relacioná-las, é só deixar e elas fazem.

Do mesmo modo, as meninas quando não estão brincando com os meninos encontram-se próximas às mães, também ouvindo, vendo, fazendo e aprendendo, aprendem as cantigas cantando com Débora, a cortar quiabo com a tia Telinha, a temperar comidas com ebome Carmo, a enrolar acaçá com ebome Maia, a fazer acarajé com, ebome Sonia, a arrumar o barracão com Binha de Oxumaré, a limpar as ferramentas de Xangô/machado com os Ogãs; respeitando sempre a palavra dos mais velhos mesmo quando o mais velho seja uma pessoa jovem como Débora de Xangô. Durante as festas os papéis dos filhos de santo vão sendo definidos. Isabela de Ogum, filha de Lindi de Iansã e Ludimila de Oxalá filha de

Lndinalva de Xangô aprenderam desde pequeninas a cantar, rezar, cuidar dos elementos religiosos, hoje adolescentes, são filhas de santo que bem desempenham seus papéis.

Gesislane, 17 anos, abiã, frequenta o Terreiro desde garotinha e diz que aprendeu muitas coisas nas festas. *Trato galinha desde menina, cozinho, rezo, entendo da minha cultura e religião, tudo aprendi aqui.*

Ludimila 14 anos, filha de Oxalá, nascida praticamente no Terreiro diz que aprende com as tias, (irmãs da mãe na religião), *respeito todos meus mais velhos porque eles que ensinam tudo a gente, sei fazer comida, amalá e omolocum, sei cantar tudo, aprendi pequena. Na escola demoro mais para aprender, lá tudo tem que ser copiado, isso é muito chato, a gente só fica sentada, não faz nada diferente.* Essa situação que vive as nossas escolas de extremismo total, que separa a teoria da prática dificulta a integração dos alunos que são oriundos de Terreiro numa relação de construção de conhecimento.

Voltando à festa, após todos os preparativos é chegada a hora da parte pública, a hora do Xirê que em ioruba significa brincar, dançar, tornando-se assim a festa uma cerimônia essencialmente comemorativa. É hora de publicamente todos desempenharem o papel social que lhe cabe no Terreiro. A Yalorixá, a Yakekerê e as Filhas de Santo entram no barracão, local de realização das festas públicas geralmente lotadas de fiéis e convidados. Muito bem vestidas, com suas roupas litúrgicas enfeitadas com rendas e bordados, belas; saudadas pelos atabaques, formam uma grande roda para louvar os orixás. As crianças em seus lugares acompanham a cerimônia cantando e dançando. Há sempre nas festas um grupo de crianças que cantam e dançam juntas. *Elas vão chegando e vão se juntando, parece um coral africano.* Durante o Xirê um a um, todos os orixás são saudados com cantigas e danças próprias. Após o Xirê é chegada a hora de sair a Gamela de Xangô, acompanhada da reza de Xangô, saudados pelas crianças e por todos assim;

Kawo, Kabiessilé

Após a reza, o Amalá é distribuído para os filhos da casa e convidados, é chegado o momento dos Orixás virem a Terra no corpo dos fiéis em sinal de continuidade.

O corpo humano dos povos de santo contém os elementos e forças da natureza, explicado

por Augras (1983, p. 63):

... os pés apóiam-se no concreto, no barro de onde saiu e para onde voltará, na terra que os antepassados pisaram e a qual retornará. O pé direito corresponde a herança dos antepassados masculinos, e o pé esquerdo, a herança feminina. As mãos direita e esquerda atuam sobre o mundo e transformam as coisas. A cabeça, que reproduz as quatro dimensões do espaço, contém, na interseção dos pontos cardeais, o centro da individualidade, ori-inu, manifestação do duplo sagrado, que provém de substância divina, da qual os próprios deuses são tributários.

O contato com o divino é feito em primeiro momento no corpo dos adoxus, catalisando sentimentos, força e realização, através da dança ritual que ao embalo das cantigas, liga os orixás com o mundo. Esses sentimentos e sensações envolvem a todos presentes, vejamos o que diz Lorena, uma menina de dez anos:

“Gosto de ver os santos dançando. Nas festas eu só fico cantando e dançando, é tão bom, eu queria ir dançar com os orixás, Iansã sempre fala comigo, eu entendo, ela pára e passa a saia em mim, isso é falar...”

“Quando o santo passa a gente tem colocar as mãos assim” (demonstra abrindo a mão na altura do tórax, levemente afastado do corpo).

“Eu sei cantar muitas músicas e tocar também” (demonstração no banco)

“Eu gosto de fazer tudo, despetalar folhas, brincar, rezar...tudo eu faço...”

Nota-se que o saber para as crianças de terreiro se desenvolve de forma natural, informal, tem um significado próprio porque considera os valores do grupo. A criança sabe como estar em contato com os orixás porque ela vive sua história, conhece as simbologias da sua comunidade, existe uma referência que lhe assegura que o orixá está falando, conhece diversas formas de linguagem, consegue transformar a palavra, ação em palavra conceituação, por isso sabe que passar a saia é uma simbologia de Iansã. A criança se identifica com o que acontece a sua volta e ganha autonomia.



Desde cedo as crianças que freqüentam os Terreiros como filhos ou as crianças da vizinhança, presentes nas festas, identificam o círculo formado no Xirê *“como uma coisa que deixa todo mundo junto, cantando, falando e rezando”*. É a imagem da unidade que começa a se formar no imaginário delas e que muito irá lhes servir no seu processo de desenvolvimento. Da mesma forma, o colorido das roupas e os enfeites ajudam as crianças a fazerem relações com o que identificam, gostam ou escolhem.

“Sei quem são os orixás, gosto mais de Xangô que usa vermelho, a machada.”

“Eu gosto mais do Omolu porque usa branco.”

“Eu gosto de todos, mais de Iansã.”

“Eu gosto mais de Ogum o santo da minha bisa.” (Crianças do Terreiro com idade entre cinco a onze anos)

Viviane, neta da casa, freqüenta o terreiro desde garotinha, sempre apaixonado por Iansã; diz gostar muito de Iansã porque *ela é linda, dança bonito e vai a guerra com Xangô seu marido*. Bastante eufórica complementa, *ela chama atenção, gosto de ver ela dançando com Xangô...*

Diz a história que Xangô era um grande rei e governava um grande estado da África, conjuntamente aos seus Oba Ijilá¹² ministros e sua secretária Iansan, a quem todos julgavam sua esposa.

Com a continuação dos tempos houve um grande rebuliço naquele estado, todo povo se reuniu para destronar Xangô.

Logo que chegou ao conhecimento dos ministros, todos eles se reuniram no palácio e puseram Xangô a par do que estava acontecendo, porém Xangô, em virtude da confiança que tinha em si próprio, não deu ouvido aos comentários. Os ministros bem inteirados do que estava acontecendo, com receio de ver Xangô desmoralizado, sem poderem convencê-lo, deram por encerrada a reunião e saíram constrangidos, devido a não ter sortido nenhum efeito o que eles planejaram.

O povo continuava reunindo blocos, fazendo festas com cantigas de guerra e cada vez mais revoltado.

Iansã, em um daqueles dias em que teve necessidade de sair para fazer compras para sua casa, na volta viu todo o movimento que estavam fazendo contra Xangô: ficou horrorizada.

Logo que chegou em casa foi contando tudo a Xangô e pedindo licença para ir á casa de Orumilá Babá Ifá, o grande adivinhador daquele tempo, para ver o que devia fazer para abrandar o coração do povo revoltado. Xangô disse que ela fizesse o que quisesse; num abrir e fechar de olhos, ela, já transformada em vento, chegava na casa de Orumilá. Quando ele entrou, Orumilá foi logo dizendo:

- Já estava à sua espera, minha filha, pois sabia que aquele teimoso não vinha até aqui. Tome esse pó, dê uma pitada para ele usar na língua todas as vezes que tiver de falar com o povo; se isto não resolver, que ele se entregue a Oduduwa e fuja para outro lugar, onde não seja conhecido.

No meio do caminho, já de volta para o palácio, Iansan, que era muito curiosa e duvidando do efeito que pudesse produzir o pozinho para ser usado em tão pouca quantidade na língua, abriu o embrulhinho, tirou uma pitadazinha do pó e colocou na língua. Depois disse:

-Quero ver o que vai acontecer.

Mal terminou de falar, ela mesma assustou-se com o fogaréu que saía de sua boca. Daí por diante ela se fez de muda.

Chegando onde estava Xangô, ela entregou o embrulho e deu toda explicação por sinais. Xangô, vendo-a naquele jeito, desconfiou de qualquer coisa, porém, como estava na última hora da reunião que os Obas tinham marcado, não deu muita importância ao caso.

Todo mundo já estava ansioso aguardando sua chegada, quando ele apareceu. Apresentou-se, cumprimentou todos, depois disfarçou e botou uma pitada do pó na língua, quando terminou, virou para todo o mundo que ali estava e disse começando seu discurso:

- Emi Xangô Oba Inã (eu Xangô, rei do fogo).

E nisto começou a sair da boca dele fogo de toda qualidade e aquele povo a gritar:

- Kawo Kabiesi... (saudação a Xangô) – não deixando ele terminar o discurso.

Iansã, por sua vez, quando viu todo mundo se curvar a Xangô, de contentamento gritou:

- Kabiesi... – e também fogo saía pela sua boca.

E assim ficaram os dois muito poderosos e respeitados por todo mundo.

(MESTRE DIDI, 2003, p.217)

O mito relatado nos mostra tantos elementos contemporâneos que servem à formação social e pessoal que justifica ser contado às crianças e adultos. Podemos refletir e aprender sobre organização social, respeito, conhecimento de vida, papéis sociais e muito mais.

Passando a pausa que serve para vestir os orixás, os atabaques voltam a repicar, todos ficam de pé, se aproxima o momento mágico de beleza, brilho e energia, entoando o canto “*Ago, Ago Lonan*” (peço licença para entrar) a Yalorixá retorna ao barracão acompanhada dos orixás, todos dançando, uns com movimentos suaves, outros com movimentos dóceis próprios das Yabás, outros mais ágeis. É servido então o ajeum, primeiro às crianças depois aos convidados.

Os Orixás dançam primeiro todos juntos, depois de forma individual, Xangô e Iemanjá são os primeiros a dançarem, são os donos da festa, os outros continuam até chegar o momento de cantar para Oxalá e encerrar as cerimônias com cantigas próprias de cada orixá com a função de preparar o corpo para voltar à vida cotidiana.

3.3 OGUM – OXOSSE – LOGUM-EDÉ – OSSAIM – A segunda festa do Terreiro do Cobre

O voltar à vida cotidiana ao final da festa de Xangô inclui também pensar nos preparativos para próxima festa do terreiro A festa de Ogum, Oxosse, Ossain e Logum.

O Xirê sempre começa cantando para Ogum, para que ele abra os caminhos. Ogum é um orixá forte, guerreiro, que trabalha com o ferro, é também associado ao mistério das árvores, por isso as palmas do igí- òpe, chamadas de màríwò constituem junto ao ferro representações desse orixá. Inventa suas armas com o ferro, seu metal. Em sua dança agita sua espada, abrindo caminhos; sua cor é o verde-escuro ou azul-escuro. O dia da semana consagrado a Ogum é a terça-feira. Ogum yêê! É a sua saudação.

Dó de Ogum, ebome do Terreiro do Cobre, gosta muito de vestir verde, a cor do seu orixá Ogum.

Raimunda é seu nome de batismo, Dó é uma representação fiel do seu orixá na terra. Uma pessoa guerreira que enfrenta a vida com força e determinação. Dó chama suas irmãs Iabás de *princesa* e está sempre disposta a ajudar em qualquer situação.

Na seqüência da festa depois que se canta para Ogum é a vez de reverenciar Oxossi. Okè aro! é a forma que se saúda o caçador, Oxosse. O grande caçador, é conhecido como rei de Keto – Alaketu, seu título oficial. Pessoas como o Ogã Valdélío consagrada a esse orixá são exemplos de seriedade e competência. O símbolo de Oxosse é o OFÁ, arco e flecha e os OGE, chifre de touro, suas vestimentas geralmente têm o tom azul claro. Oxosse é considerado o mais antigo descendente de Keto no Brasil por isso, é chamado de acordo com os escritos de Santos (1984), de Ásésé, origem das origens. Sempre na festa de Oxosse ou nos momentos de Obrigação do Terreiro é cantada a cantiga Ara ketu ê fará imará..... Nesse momento solene, todos trocam benção e se abraçam no Terreiro, é um momento de amor, união, respeito e paz, que envolvem adultos e crianças presentes. É o momento das festas que celebra fortemente a força que une o povo de axé e faz continuar

sempre, é o momento em que todos se voltam às origens reverenciando o princípio do povo de Ketu, vivo nas festas de candomblé.

A festa de Ogum , Oxosse, Ossaim e Logum é muito movimentada pelas danças ágeis ou pelas cantigas e toques rápidos. Eduardo é de Logum Edê, é um príncipe como seu pai, dengoso, vaidoso alegre e terno, está sempre brincando com as crianças, ou usando sua perfeição para desempenhar algum trabalho.

Como Logum é filho de Oxum e de Oxosse, utiliza também os símbolos dos seus pais como seus. Na hora do Xirê todas as Iabás dançam acompanhando Logum.... *fará Logum fará Logum...*

Nesse dia de festa predomina como enfeite do barracão uma variedade de folhas é que todos orixás homenageados têm uma relação muito próxima com as matas, as árvores, as folhas. Entretanto, é Ossain o “Orixá patrono da vegetação, das folhas e de seus preparados”. (Santos,1984, p. 91). É Ossain que guarda os segredos das folhas, e suas virtudes medicinais e mágicas.

O axé herdado e transmitido no Terreiro é principalmente o axé das folhas, o sangue vermelho que tem poder e cura, por isso para o candomblé a natureza é sagrada e tem que ser preservada.O conhecimento do nome das plantas é aprendido no Terreiro através da transmissão oral, cada planta tem seu nome e o poder que lhes é atribuído. Mãe Val comenta em todas as festas que *sem folha não há axé, poder, cura, vida e que até a ciência hoje já reconhece e utiliza o poder das folhas.* Ewê ô.

Os nossos mais velhos sempre têm uma história para contar, assim muito se aprende. Uma dessas histórias eu aprendi e vou contar...

Ossaim recebeu de Olodumaré o segredo das folhas. Ele sabia que algumas delas traziam calma ou o vigor, outras, a sorte, a glória, as honras ou, ainda, a miséria, as doenças, os acidentes e até a morte. Os outros orixás não tinham poder sobre nenhuma planta. Todos dependiam de Ossain para manter sua saúde ou para o sucesso de suas iniciativas. Xangô, cujo temperamento é impaciente, guerreiro e imperioso, não satisfeito com a situação de desvantagem, usou de um ardil para tentar conseguir o poder e a propriedade das folhas. Falou dos planos à sua

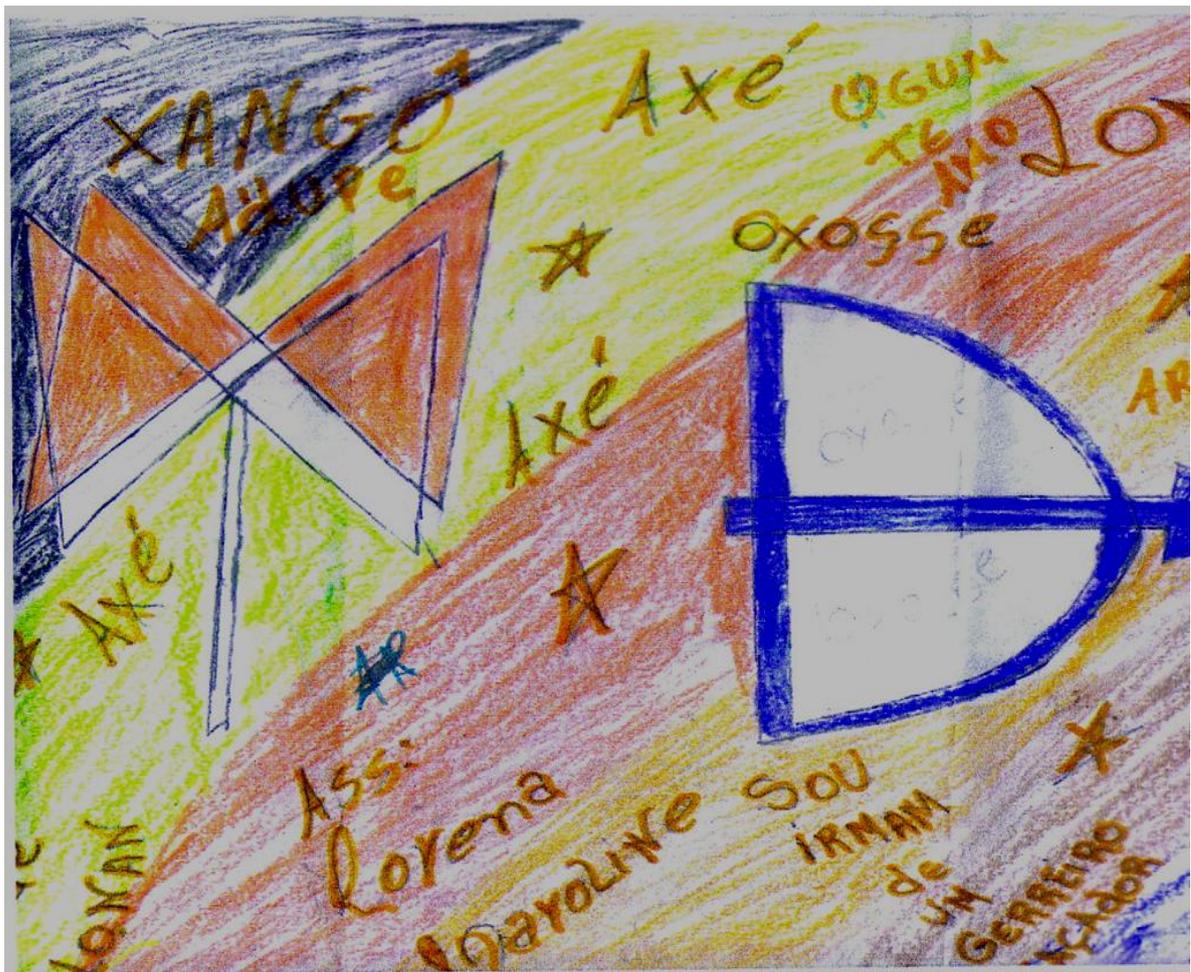
esposa Iansã, senhora dos ventos.

Explicou-lhe que, em certos dias, Ossaim pendurava, num galho de Iroko, uma cabaça contendo suas folhas mais poderosas, pedindo a senhora dos ventos que soprasse bem forte naquele lugar, Iansã aceitou a missão com muito gosto.

O vento soprou e balançou as árvores até a cabaça que estava presa no galho cair. Todas as folhas voaram.

Os orixás se apoderaram de todas. Cada uma ficou dono de uma folha, porém Ossaim continuou dono da sabedoria e do axé que elas carregam.

O mito nos ensina que Ossaim é a própria folha e que ao se quebrar a cabaça espalhou as folhas para que todos fossem responsáveis pela sua preservação, pois desde que nossos antepassados conheceram o poder de vida das folhas, eles começaram a contar essa história para que se transmitissem as futuras gerações e que todos se sentissem responsáveis pela vida na terra.



3.2 OLUBAJÉ AJÉ UM BÓ

Ainda no mês de fevereiro nos juntamos todos para reverenciar Omolú, Nanã e Oxumaré. Todos filhos e convidados encontram-se do lado de fora do Terreiro num local que costumamos chamar de Praça Real, pois ali se encontra a casa de Obaluaiyé, o Rei da Terra.

As filhas de santo mais velhas devidamente padronizadas estão sentadas num banco pequeno, a sua frente várias panelas grandes de barro com o Olubajé, comida de Omolú como também é chamado Obaluaiyé. Nesse dia o Xirê começa no barracão e termina no lado de fora onde o Orixá patrono dos cauris é reverenciado. Ao iniciar as cantigas do Olubajé os filhos de Omolú, Nanã e Oxumaré incorporam seus orixás para receber as reverências, enquanto é distribuído o olubajé para todos saborearem a comida dos orixás festejados. Muito se canta e se come até que, ao som de avamunha, a yalorixá conduz os orixás para o barracão para que a festa continue. Após vestirem suas indumentárias os orixás retornam ao barracão para dançar. *Salúba!* Nanã de Carmo representando a mãe mais velha das divindades, aparece muito bem vestida em rosa claro e azul à frente do cortejo religioso dançando com movimentos lentos e aristocráticos próprios de quem está relacionada com a criação, assim como Oxalá. Seus elementos são água, lama, e a morte... Ao dançar leva na mão direita seu Íbiri, objeto sagrado. Por causa do grande número de cauris que usa é chamada de dona dos cauris na cantiga:

Íbiri o (dára) to

Sàáláàre

Nanã olú odó

Íbiri o (dára) to

Sàáláàre

Olówó se-in se-in.

Atrás de Nanã vem seu filho Oxumaré, como sua mãe ele se paramenta de búzios, cauris, nos brajás e Lagidigbás mantendo sua relação com os ancestrais. Simbolizando a continuidade e o movimento Oxumaré é saudado com a expressão *Arroboboi*.

Representando a nobreza de sua descendência, esse orixá é responsável pelo equilíbrio do mundo ao atravessar de um lado ao outro a terra através do arco-íris sua representação, para nós do Terreiro, essa representação se faz forte com Maia e Binha as filhas de Oxumaré do Cobre.

Finalizando o cortejo surge a divindade, Obaluaiyé, em suas vestimentas de palha africana chamada ráfia, inspirando a todos presentes o mais absoluto respeito, pelo mistério que encobre suas vestes. O Sasará é usado por Omolú para limpar as impurezas, doenças e males sobrenaturais. Em certo momento uma ebome surge com um balaio de pipocas que é distribuída aos participantes, a maioria guarda para passar no corpo, as crianças presentes mostram seu pertencimento a religião quando comem um pouco da pipoca e ali mesmo passam a pipoca em seus corpos. Por fim os orixás dos cauris se despedem levando consigo o mistério da vida e da morte. *ATOTÔ Ô...*



Desenho de Yan Gel

3.4 VAMOS ENCHER O BALAIO DE FLORES, PERFUMES, ESPELHOS, BONECAS, SABONETES... É DIA DE DAR PRESENTES A OXUM.

A nossa festa de Oxum é correspondente a festa africana que acontece em Oshogbo, na Nigéria.

*Conta um mito que Laro ancestral do atual Rei, após longas tribulações à procura de um local favorável onde se instalar com sua gente, chegou junto ao rio Oxum, onde a água corria permanentemente. Alguns dias mais tarde uma de suas filhas, dizem, desapareceu sob as águas enquanto tomava banho no rio, tendo surgido pouco depois e declarado a seus pais que tinha sido bem recebida e tratada pela divindade que lá morava. Laro foi fazer oferendas de agradecimento ao rio. Viu muitos peixes, mensageiros da divindade, comendo os presentes em sinal de aceitação. Um grande peixe veio nadar perto do lugar onde ele se encontrava e soltou água pela boca. Laro recolheu um pouco daquela água numa cabaça e bebeu-a, realizando com isso um pacto de aliança com o rio e, em seguida, estendeu as mãos para o grande peixe que saltou dentro delas. Adotou o título de Ataoja, “aquele que estende a mão para pegar o peixe”, e declarou: “Oshun gbo”, quer dizer, Oxum está em estado de maturidade, suas águas serão sempre abundantes e por isso a cidade recebe o nome de Oshogbo”. Como lembrança desses acontecimentos, todos os anos o Rei Ataoja prepara uma festa **devidamente preparada** com comidas, água pura, objetos de cobre, colares, de conchas e os objetos litúrgicos do culto. A procissão avança com uma filha de Ataoja, carregando os presentes para Oxum. A procissão chega a floresta sagrada e ao Templo de Oxum. O Rei então sentará sobre a pedra que seu ancestral sentou e renova a aliança com Oxum, para que os campos prosperem, os rebanhos se multipliquem e as mulheres estéreis concebam. (VERGER, 2002, p. 95).*



A nossa festa também começa com os preparativos. A cerimônia acontece no último sábado do mês de fevereiro, todos sabem que devem levar presentes para Oxum; velhos, jovens e crianças chegam cedo ao Terreiro com seu sabonete, perfume, flores, para encher o balaio.

Mãe Te, a Iakekerê do Terreiro, junto com as filhas de santo mais velhas e Equedes preparam os presentes sagrados, a Iya arruma tudo devidamente no balaio já enfeitado. Filhos e visitantes se organizam. As crianças que acompanham o presente, junto com seus pais ou responsáveis se dirigem ao Rio Vermelho junto aos filhos de santo do Terreiro entoando cantigas para Oxum...

Ao chegar ao local já conhecido por todos, ao som dos atabaques e dos fogos e paós, o presente é levado ao mar por Ogãs e Equedes enquanto todos aguardam cantando rezando, pedindo paz, alegria, amor, saúde, prosperidade, fartura. As crianças tomam banho de mar aos olhares cuidadosos de suas mães, até a chegada dos irmãos que foram levar as oferendas para a grande senhora das águas. Outras conversam a partir das suas representações:

“Oxum fica lá longe. É pra empurrar a gente se a gente se afogar. Ela só empurra quem obedece.”

“*Esses homens não prestam, estão trazendo Oxum pra cá pra ela não empurrar mais a gente do fundo.*” (Comentário de uma criança ao vê uma imagem de Iemanjá sendo carregada por alguns homens).

Todos riem e explicam às crianças o que está acontecendo. Contam nossos mais velhos que Oxum é uma Yabá muito conhecida pelo seu encanto, abundância, beleza e sabedoria, igual a água.

Sua vestimenta ritual é sempre em tons amarelo, azul clarinho ou dourado, sempre muito enfeitado com bicos, fitas, rendas e bordados como as outras Yabás. Nas mãos cheias de pulseiras e anéis ela carrega seu leque, o Abebê, nos braços, braceletes dourados, além das contas e outros adereços próprios ao Orixá da riqueza.

Os espaços de água como rios, lagos, cachoeiras, diques, córregos e até no mar, ela reina. São os mitos que nos explicam a origem e a vida dos ancestrais, tendo uma função de integração dos valores africanos, uma vez que ao ser despojado de todos os seus bens, os negros africanos chegam a diáspora apenas com suas crenças, tradições, e valores muito bem representados pelos mitos. Assim aprendemos e ensinamos sobre a vida dos orixás.

É nas interações sociais do Terreiro que as crianças apreendem a linguagem do grupo e seus significados. É pela linguagem dos mitos que lhes são passados características da sua cultura, favorecendo o processo de diferenciação na compreensão do real sem precisar viver a experiência. Assim as crianças demonstram o que sabem sobre os orixás através da linguagem dos mitos, construindo informações que relacionadas às suas vivências, vão servir-lhes como aporte sócio cultural na sociedade.

É pelas narrativas mitológicas que muito se aprende nos Terreiros. Mãe Val usa sempre alguns trechos dos mitos para ensinamentos. Ela fala da criação do mundo; da preservação da natureza; fala dos valores; da democracia... tudo que ela fala tem uma história e todo mundo aprende assim.

Fogos, som de atabaques, cantigas...

ORA YÊ YÊ Ô

Os Ogans e as Equedes retornam do mar, todos voltam ao Terreiro cantando em clima de festa. Ao chegar no Terreiro, todos cantam e dançam e bastante alegres saúdam Oxum de mãe Té a Yakekerê graciosamente faz o Oro da festa reverenciando Oxum da casa, *Ora yê yê ô! Ora yê yê ô...! dança, saúda a todos e se despede*. Após este momento, todos comem doces, frutas e continuam os preparativos para a festa de Oxum que acontecerá no dia seguinte, domingo.

3.3 HEPARRERY, OYÁ – É FESTA DAS YABÁS NO TERREIRO DO COBRE

Nas águas de março, o Terreiro do Cobre brilha, é que nesse mês se reverencia as Iabás. Ao acordar já se percebe a movimentação diferente dessa festa . É que Iansã, Oba e Ewa vão comer, é festa das Yabás. Nesse dia todo as orixás femininas de Oxum a Nanã são homenageadas, porem é Iansã , Oba e Ewa quem mais brilham nessa festa por que Oxum e Nanã já tiveram outras homenagens. As filhas de Oyá do Terreiro do Cobre se preparam para a grande festa ao som da saudação *heparrei, Ó admirável*, falada a todo o momento durante o dia. Num movimento próprio desse dia alegre, prepara-se a comida que será servida nas festas e trocam-se benção por brincos ou moedas, com irmãs de orixás masculino. Minha querida irmã Lindi, chamada de Oiasse no Terreiro, é muito importante na minha vida de axé, amigas antes da religião, foi ela quem me apresentou o Terreiro do Cobre, lá conheci também Sônia, Celeste e Celinésia todas de Oyá. Como todas filhas de Oyá, Lindi é amiga fiel que muito bem representa seu Orixá pelo brilho, alegria e dinamismo.

Na hora da festa o barracão é enfeitado com flores, folhas e chifres um símbolo de Oyá. Ao toque dos atabaques, as mais belas, segundo o Ogan Tom de Ogum, aparecem muito bem vestidas em rendas e bordados, nas cores rosa, azul e rosa salmon, representando o elemento vermelho relacionado com a terra e com as florestas. Pela alegria da festa é notado logo um grande número de crianças que dançam junto com os orixás, *todas Iansas presentes ao passar pelas crianças páram e as reverenciam*. É servido o ajeum do dia com muita acarajé, prato preferido de Iansã.

Há muito tempo atrás, em terras do povo ketu na África, vivia um caçador chamado \Odulelê. Era o melhor de todos, um grande líder.

Homem de bom coração resolveu adotar uma menina que por seu jeito esperto ficou conhecida como OYÁ.

Cheia de habilidades ficou logo muito conhecida e admirada por todos.

Um dia a morte levou o velho caçador entristecendo a todos, principalmente a adorável filha de OYÁ.

OYÁ pensou numa forma de homenagear seu pai adotivo e reuniu todos os instrumentos de caça dele e enrolou num pano preto. Também preparou a comida predileta do velho caçador, contou e dançou em volta por sete dias.

Aquilo foi se espalhando por toda parte com o vento, o canto e o encanto de OYÁ.

Na sétima noite, acompanhada por vários caçadores OYÁ embrenhou-se mata adentro. Colocou todas ferramentas e comidas ao pé de uma árvore sagrada. Olorum, Deus supremo para o povo africano ficou tão admirado com aquela cena que deu poder para a menina ser a guia daqueles que deixam este mundo.

Desde então todo aquele que deixa esta vida tem seu espírito levado ao orum pela menina OYÁ.

Mas antes de serem levados são homenageados, por parentes e amigos, numa festa com cantos e danças.

Adaptação do texto de Pestana “Lendas dos Orixás para criança”.

3.6 FRUTAS, BALAS, CARURU: ATENÇÃO CRIANÇAS, É FESTA DE IBEJI!!!



Ibeji, os gêmeos, são orixás meninos, cultuados tradicionalmente no Terreiro do Cobre. A festa de Ibeji no Terreiro do Cobre é chamada Corda de Ibeji. Essa festa como todas as outras, segue o mesmo ritual litúrgico, porém se observa nessa cerimônia um vai-e-vem interminável de crianças do Terreiro e da comunidade, não observado nas outras cerimônias. É que a festa de Beji é dedicada a todas as crianças, é uma festa para as crianças. Todas filhas, filhos e amigos da casa levam bastantes frutas que são lavadas e distribuídas pelo barracão ou presa numa corda que atravessa o barracão, local que se realizam as festas públicas dos Terreiros.

As crianças durante o dia comentam sobre o local que elas vão ficar para poder pegar com mais facilidade as frutas, outras pedem aos Ogãs que peguem na corda frutas para elas, procuram sacos para guardar as frutas, não param até chegar à noite.

Entre conversas, brincadeiras e desacordos eles comentam:

“Eu quero pegar a melancia, vou ficar junto ao atabaque.”

A OUTRA COMENTA: “ESSE LUGAR EU JÁ ESCOLHI”

“Vou pedir a meu tio para pegar a jaca para mim”

“Eu não, vou pegar é tudo que cair da corda.” (Crianças do Terreiro)

Enquanto isso na cozinha é preparado o caruru, um grupo de filhas de santo cuida dos bichos de pena, entregues pelos Ogans, outras preparam a comida seca. *“Estou acendendo o fogo... Onde está o carvão? Prefiro depenar e tratar bichos... Eu gosto mais de cozinhar vamos, vamos com esses bichos!. Já estou batendo os temperos... Já tem panela pronta aqui pra ir pro fogo”...* (comentários dos filhos de santo na cozinha). Cada filha assume seu papel, as vezes designado pela Iya, outras vezes escolhidos pelas próprias filhas e filhos. O vai-e-vem continua dando um ritmo próprio e único a esse momento.

As festas religiosas do Candomblé possibilitam novos processos de participação, organização e escolha, ampliando o processo de formação pessoal e social dos indivíduos, quando redescobrem novas formas de integração, relação, manifestando suas preferências e fazendo suas escolhas. Na cosmovisão africana não há fragmentações tudo se complementa, favorecendo a inclusão, as funções obedecem a princípios, as funções femininas e masculinas não se opõem se complementam, pois as ações desenvolvidas servem ao um todo comum.

As crianças conversam entre si sobre as festas desenvolvendo um sentimento de pertencimento a um grupo de origem, construindo suas regras sociais ao tomar decisões sobre como agir durante as cerimônias. Essas funções sociais estimulam o crescimento, a solidariedade, o respeito a diferença, a busca de novas competências, contribuindo para novas formas de aprender.

As meninas sentam nas esteiras e cortam quiabo, os meninos catam camarão. Basta cair a tarde que começam as arrumações do barracão, têm muitas frutas na corda que atravessa o barracão, frutas na pilastra, frutas perto dos atabaques, frutas em todos os lugares e folhas também. Ao começar a cantar para Exu começa também a aparecer as crianças com seus sacos na mão, as crianças precisam esperar, pois é preciso que todos os filhos orientados pela Iya e Yakekerê coloquem aos pés de Ibeji suas oferendas.

Após colocarem as oferendas, o corre-corre continua, *“vamos logo tomar banho e se arrumar, eu me apronto num minuto, fala a Iya”*.

O movimento interno aumenta freneticamente. Uns tomam banho, outros puxam as anáguas, outras se vestem. *“Pegue aqui minha anágua minha irmã. Equede me ajude. Eu não sei dar laço Equede. As anáguas estão dando comida a gato (aparecendo na saia), precisa suspende”*r. (Falas dos filhos de santo do Terreiro antes do Xirê)

No momento da festa, a presença de um grande número de crianças é logo percebido por todos os presentes. É iniciado o XIRÊ dedicado a Beji, ao som de avamunha, a mãe de santo do Terreiro acompanhada da mãe pequena, ebomes e demais filhas entram no barracão dançando no ritmo descrito por um dos ogãs de 08 anos como *“pan pan pan panpan pan pan panpan”*, todas crianças cantam, formando um belo coral, também dançam, conversam se empurram... Estão totalmente inquietos, sendo chamados sempre atenção por um mais velho, todos os orixás são saudados, em dado momento as crianças prestam mais atenção a festa, é em função da cantiga dedicada a Ibeji. As cantigas dedicadas a Beji têm movimentos e simbologia diferente das dos outros orixás. A festa passa a interessar mais as crianças, pois elas já sabem que está chegando o momento da corda de Beji, Lorena de 11 anos lidera a turma cantando *Bejini jô olorun... a um sinal da Iya, todos filhos de Santo tocam a corda de Ibeji, os Ogans também... Todas as crianças e adultos, visitas e filhos de santo avançam sobre as frutas da corda e espalhadas pelo barracão, pegando as que conseguem alcançar, as crianças guardam nos sacos já reservados ou comem logo para pegar mais, tudo acontece entre risos e brincadeira numa verdadeira odisséia africana, os adultos geralmente ajudam as crianças a pegarem as frutas da corda ou entram também na disputa com elas.*

Ao sinal da Yalorixá, os atabaques voltam a tocar, algumas crianças voltam a seus lugares, outras saem para saborear as frutas, dá-se continuidade as cerimônias e todos os orixás vêm reverenciar os orixás gêmeos, donos da festa.

A partir dessa festa, tomei consciência que é possível aprender sem dor, percebi que as crianças do Terreiro lidam com todas as formas de conhecimento, de forma prazerosa e integrada, se identificando com todo o processo, não pelo Terreiro ser mágico, é que elas sabem que fazem parte do processo, da história, das representações ali presente, naquele espaço elas se identificam com elas próprias, sabem quem são. *“Sou ogã suspenso para*

Ayrá”, diz uma criança de 09 anos. Um de 05 anos complementa afirmando sua escolha: “*Eu gosto dos orixás de branco, Xangô, Oxalá e Omolú. Gosto mais do Omolú de branco*”. Tudo que elas aprendem elas querem mostrar, como uma afirmação de que são capazes e autônomas: “*Eu sei cantar para Ogum, é assim...Ogum pa lê lê pá Ogum pa ojarê, eu aprendi cantando nas festas*”. (Ogã suspenso de Airá)

Ainda sobre aprender, e bome Lindi explica:

“Nas festas do Cobre todo mundo aprende e ensina. Isso me faz lembrar uma das grandes manifestações da nossa Yá, que um dia, do alto da sua magnanimidade, me falou: "Oyiassi, eu aprendo muito com meus filhos. Aprendo muito com você. e com suas irmãs. Vocês nem sabem disso, mas eu aprendo muito..." Essa capacidade, e até mesmo coragem, de admitir (e revelar) que aprende com aqueles que na verdade deveriam ser ensinados por ela, é sem dúvida a maior lição.

Nildes, iaô de Oxum continua, “*aprendo aqui observando os mais velhos, fazendo minhas obrigações para os orixás, estou em fase de aprendizagem, sou iaô, não tenho pressa de aprender, quero viver aqui que vivendo eu aprendo*”.

Continuando as falas Nalva diz:

“Eu sou Lindinalva de Omolú e aprendo fazendo, vendo os outros fazerem, prestando atenção sem perguntar, esperando as explicações, com mãe Telinha que é um grande exemplo de vida com 90 anos e ela fala que está aprendendo muitas coisas com a gente nova também.”

Como já comentei antes foi a partir da festa de Ibeji que comecei a estabelecer um contato mais próximo com as crianças, e fui percebendo durante meu tempo no Terreiro que uma quantidade grande delas freqüentavam e freqüentam o Terreiro, ora com suas mães, filhas de santo, ora com vizinhos, ora com os coleguinhas da comunidade, alguns desde criancinhas:

Foi à vovó Flaviana, responsável por essa geneologia, deixou a sua neta, vô Moura pra fazer a harmonia. E a letra desse soneto virou uma melodia. Mãe Val, nossa ya, é a mãe de Vandreia de Ewa, que é a mãe de Aynã, Ogã de Ayra.

Em outra ordem Tia Edith, antiga equede de Iansã é mãe do Ogã Dodô, e

vó do pai de Tom. Nessa linhagem tem Cutu, Esmeralda e Meu Avô muito netos e bisnetos que Xangô já adotou.

Deixando de lado a rima,

Dó é a mãe de Irani de Ossain, de Binha de Oxumaré, e de Patrícia de Oxum que já tem dois filhinhos um já é Ogã de Omolú Obaluaiê.

Lindinalva, mãe de Ludimila de Oxalá, quase nasceu no axé, agora depois de grande, já ensina Lorrane a rezar.

Neném minha irmã de Oxum já é mãe e vó, de Equede e de Ogan Maia de Oxumaré mãe do pai de Iansã.

Pra resumir, um pouco da história do Cobre vou agora só relatar.

Everton frequenta o Terreiro desde bebê, filho de Kika de Iemanjá.

Ismael também, filho de Carmo de Nana, hoje é Ogã de Xangô.

Lana é filha de Cel de Iansã e Isabela de Ogum, filha de Lindinalva de Iansã Patrícia filha de Gleide junto com Equede Vanessa, todas chegaram criança e com os seus vão aprendendo os orixás cultuar, ainda tem muita gente, gente do meu canzuá que já chegou e tá chegando, pois isso meu amigo nunca que vai acabar... É Luango, Ian, Airã, Natalia, Kayodê, Lorrane, Ayná, Adaê, Ugo Inaiê... As crianças do Cobre...à continuidade...

Essas crianças e outras geralmente moram perto do Terreiro e estão sempre na casa, quer sejam acompanhada pelas mães, para brincar ou participar de alguma atividade religiosa ou civil. Durante o ciclo de festas a presença das crianças é logo percebida, brincam, riem, tocam no banco, brigam, dançam, cantam e imitam os mais velhos, aprendem, ouvindo, repetindo, através de gestos e expressões, numa dinâmica nagô vivenciada nos Terreiros, onde todo conhecimento é transmitido pela “tradição oral”, como metodologia herdada dos povos africanos, não porque não dominamos a escrita, pois a escrita também faz parte do legado africano desde as civilizações egípcias, utilizamos a palavra oral porque para nós, povo de santo, a palavra falada é sagrada, condutora de axé.

Muitas vezes observei Mãe Val falando com as crianças, para eles entenderem a hora que é preciso *silenciar, falar, cantar ou tocar* no Terreiro. É que as crianças ao conviverem com tanto elementos simbólicos, muitas vezes quer fazer tudo ao mesmo tempo ou em momentos inoportunos. Nesse vai-e-vem as crianças vão incorporando uma identidade de grupo, aprendendo princípios, valores, tradições próprias dos Terreiros, mas que podem ser utilizadas em toda a vida. Para alguns filhos, inclusive, o aprender no candomblé vai além do conhecer:

“No Cobre aprendo sempre, mesmo quando não estou lá presencialmente. As relações e experiências que vivo lá são constantemente referenciadas e relacionadas às minhas outras vivências. Costumo falar sempre que nunca aprendi tanto com a família, o MNU e a

Universidade, quanto aprendo com o Terreiro. Aprendi lavar e passar, depenar frango, cozinhar, falar mais baixo (às vezes), ter mais paciência, ter mais sagacidade, ouvir mais, rezar, namorar, coordenar, tolerar, dizer não, fazer política, esperar, memorizar, e muitas outras coisas que, tenho certeza, ainda vou aprender.” (L. B.filha do Terreiro)

Durante todo o ciclo de festa vivenciada por mim no Terreiro, pude observar que as crianças no Terreiro do Cobre têm o seu lugar.

Durante a festa como de costume todas as crianças sentam nas esteiras já preparadas para elas e dos seus aposentos, acompanham a cerimônia religiosa pública. *Batem paós no momento certo, abaixam a cabeça e erguem as mãos quando passam os orixás, também conversam, brincam e dançam*, se entusiasmam como toda criança, sendo chamada de volta por alguma ebome. Finalmente chega a melhor hora da criança: a hora do jejum, como de costume no Terreiro do Cobre, os primeiros pratos são servidos para as crianças. É hora de saborearem o caruru de Ibeji, comem, bebem e retornam ao barracão, outras preferem ir para casa dormir se resguardando para o dia seguinte.

3.7 A FESTA DA COMIDA FRIA: AFINAL QUEM É CRIANÇA... QUEM É ERÊ!!!

ERÊS – *São mimos, soltos, atrevidos*

São correrias, energia, sentidos

São meigos, são troças, falas, sorrisos, são chuvas

Desapego lógico à tecnologia

Dourados, ouro, São puro amor

São eles, são elas

Forças amenas, Felizes, alegres

São estrelinhas, são os brilhos fartos

São os ventos, são tudo, e a tudo atentos

Ao Orun, aos encantos, aos doces, à vida

São a eternidade em novo dia

São crianças negrinhas, mais do que lindas

São pura poesia.

(Jose Carlos Limeira)

No dia seguinte às festas, bem cedo as crianças que dormem no Terreiro já estão de pé, é uma energia de fazer inveja. Demora pouco e as crianças da redondeza começam a chegar, é que nesse dia há uma cerimônia chamada *comida fria*, momento que os Orixás dão lugar aos seus êres e estes vêm para comer brincar e repor as energias dos filhos de santo. As crianças participam de toda cerimônia, comendo junto aos êres a comida fria, comida fria é a comida oferecida aos Orixás e que depois a gente se alimenta. Após comer é só alegria, e todos divertem com os Erês dos orixás.

A hora de brincar com os Erês na comida fria se manifesta como momento de fortalecimento da identidade e da autonomia para as crianças do terreiro. Nesse momento elas se comunicam por meio de gestos, sons, músicas, representam papéis sociais desenvolvendo sua criatividade e imaginação. Na hora de “brincar de Candomblé” ação que as crianças sempre desenvolvem nessa ocasião, as crianças representam diferentes papéis, ora são as mães, abençoam, fingem balançar o adjá, ora são filhos e deitam para tomar benção ou salvar a casa, apresentando total sincronia nos movimentos espaciais/temporais representados, ora fingem receber orixás, ora são apenas participantes.

Esse faz de conta mostra que a criança aprende quando vivencia situações significativas. As ações de brincar de candomblé nas festas permitem perceber que brincando as crianças do terreiro enriquecem sua identidade porque experimentam outras formas de ver, de sentir emoções, de pensar, de ser. Ao desempenhar diferentes papéis, permitindo que as crianças brinquem e representem papéis de homem ou de mulher, pois apesar de entendermos que nos Terreiros existe uma definição de funções, todas são valorizadas igualmente; o Ogan não é melhor ou mais importante que a Ekede, todas as funções têm sua finalidade e importância e complementaridade, tudo depende de tudo, todos dependem de todos para o bem estar da comunidade.

Ao pôr do sol todos os presentes cantam para Oxalá, Orixá Babá, pai de todos, é hora de ir para casa, pois tudo continua no dia seguinte.

3.8 A FESTA DE XANGÔ AIRÁ

No Terreiro do cobre a festa de Xangô AIRÁ é separada da festa do Xangô da casa e acontece no mês de abril. Mãe Val a Ialorixá do Terreiro do Cobre é filha de Xangô Airá, por isso Airá é nosso pai. Valnísia Pereira Correia é bisneta da primeira Ialorixá do Terreiro do Cobre, A Yá Flaviana Bianch.

Pois é, a festa de Airá é uma festa alegre e especial para todos os filhos de santo, como todas as festas, os filhos chegam ao Terreiro à noite. Nesse dia em especial há uma cerimônia chamada fogueira de Airá. Todas as filhas e filhos do Terreiro, vestidos de branco se reúnem ao redor da fogueira para rezar ao rei do fogo e do trovão. Ao terminar a reza todos começam os preparativos para festa do pai.

No dia seguinte a fogueira continua queimando. Mãe Val nos ensina que *Airá gosta do que é quente, vivo*. Os preparativos também continuam, os Ogans cuidam do sacrifício dos animais, O Ogan Manto também filho de Airá nesse dia está mais envaidecido, fazendo questão de resolver tudo para seu pai. O quiabo já está sendo cortado para preparar o amalá sem epó (azeite), o barracão começa a ser devidamente ornamentado, todos têm um carinho especial nesse dia de festa. Ao final da tarde a ansiedade aumenta é que nesse dia todos filhos de santo podem ver Airá, nosso pai, pois, de acordo com as normas da nossa casa, quando é festa do orixá das mães os filhos não recebem orixás, isso é muito bom porque todos podemos reverenciar o orixá da nossa mãe de santo.

Na hora do Xirê é muita alegria, é preciso está presente pra sentir o calor, o entusiasmo e a energia que se concentra no barracão, ouve-se de todos os cantos a exclamação KAÔ KABIESILE! A grande festa está no auge, já com suas vestes brancas, coroa e machadas, Airá dança como rei que é, saúda a todos e todas, abraça carinhosamente todos os filhos que comemoram junto com ele a justiça, a fogueira continua queimado lá fora e dentro do barracão todos contagiadamente dão vivas ao rei.

3.9 A FESTA DE OXALÁ: A PROCISSÃO DAS QUARTINHAS PARA LEVAR ÁGUA A OXALÁ

Os funfun são as entidades que manipulam e têm o domínio sobre a formação de seres deste mundo – os ara-àiyé – e também a formação de seres no além. Os vivos e os mortos, os dois planos da existência, são controlados pelo àse de òrìsánla. Santos (1984, p.75)

O Alá, “grande pano branco, emblema de Oxalá” é estendido do portão de acesso a casa até o barracão. Santos (1984) profere que é embaixo do Alá estendido que Oxalá abriga a vida e a morte. Todos participantes da festa passam por baixo do Alá para entrar no Terreiro, se colocando sob a proteção do Orixá maior, todos de branco, como tudo que é utilizado na festa de Oxalá.

A Iyá desce para o barracão seguida das filhas de santo, todas devidamente trajadas para reverenciar o grande Pai Oxalá. O Xirê para Oxalá é iniciado com a cantiga dedicada a Ogum, orixá poderoso responsável por abrir os caminhos. Em seguida canta-se para Oxosse, “o caçador por excelência”, seguido por Obaluaié, Oxumaré, Ossain e Logun. Dando continuidade canta-se para as Yabás, Oxum, Iansã, a senhora dos ventos, Iemanjá, a rainha dos mares e Nanã, a grande mãe.

Terminado esse primeiro momento todos os filhos e conhecidos mais próximos da casa adentram a parte interna e logo em seguida retornam numa sagrada procissão.

Sempre a frente a Iya e a Iyakekerê, seguidos dos filhos e filhas trazendo na cabeça uma quartinha de barro vestida de branco, todos cantam em louvor a Oxalá, BABA Ê BÂ, crianças, jovens, adultos e velhos todos fazem silêncio e saúdam Oxalá varias vezes EXÊ Ê BABA, os Ogans e Equedes cuidam para que todos fiquem embaixo do Alá, a procissão dá três voltas pelo barracão, sai pela porta central e retorna para os aposentos internos pela porta da frente da casa principal. As Yas continuam no barracão, as primeiras filhas da procissão retornam internamente ao barracão já incorporadas em seus orixás, a festa continua todos dançam para o grande Orixá funfun.

A festa continua, os Orixás já paramentados com suas vestes litúrgicas dançam para o Orixá Babá, já representado pelos filhos de santo de Oxalá. Oxalufan dança no centro aos cuidados das equedes e ebomes, como um ancião sempre encurvado apoiado no seu Opaxorô, uma barra de metal rodeado de preceitos especiais, seguido bem de perto por Xangô e Ogum e todos Orixás presentes. Em seguida todos cantam e dançam para Oxaguian – o jovem Oxalá.

Oxalá agora sentado numa cadeira próxima ao pilar central do barracão é saudado pelas danças e cantigas dos orixás. Finalmente é entoada pela mãe de santo uma cantiga de Oxalá chamada por muitos do hino dos Candomblés nagô, É formada uma roda bem grande, Oxalá se despede de todos os presentes deixando um clima de paz e serenidade entre as pessoas. Um ciclo de festa termina para que se possa dar continuidade a vida para que os Orixás sempre retornem e se vão deixando paz e serenidade.



4. O SIGNIFICADO DAS FESTAS COMO PROCESSO EDUCATIVO: Uma proposta de educação para diversidade na Educação Infantil

Significar vem do latim que quer dizer por Ferreira (1986), ter o sentido de: expressar, exprimir; ser sinal de denotar; dar a entender; mostrar; ser, constituir; traduzir-se. Para o povo do Terreiro “significar é o mesmo que representar o que se é, ou o que se demonstra e se acredita ser”. Portanto, buscar significados nas festas do Terreiro para construir uma proposta de educação para crianças é reafirmar valores, valorizar a origem dessas crianças, respeitando seus antepassados, suas histórias e as histórias de suas famílias. Como nos diz Moura (2001, p. 63) “há uma significação positiva na contínua reafirmação desses valores e é a festa que potencializa o seu significado, enquanto expressão de uma forma de pertencimento”. Assim, quando se fala na transmissão de valores que ocorre através das festas, não está se pondo em questão o repertório valorativo dessas comunidades, mas, antes apontando para um modo de educação não formal que é utilizado. As falas, principalmente das crianças e os dados de observações nos mostraram categorias significativas que serão tomadas como processo educativo na formação pessoal e social da criança negra. No conjunto deles destacamos:

O Princípio e a Sabedoria

Ancestralidade: Identidade e tradição

O mito e o conhecimento de mundo

Identidade e diversidade

A família negra: Uma família de Santo;

A oralidade nos Terreiros: conhecimento e sabedoria;

4.1 A FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL DA CRIANÇA NA COSMOVISÃO AFRICANA: UMA PROPOSTA PARA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS NEGRAS.

4.1.1 O PRINCÍPIO E A SABEDORIA

Há muitos anos atrás, antes dos tempos da Grécia, do Egito, e dos Fenícios, bem no centro da África Negra, um negro bastante velho, contava histórias para seus netos e para os netos dos seus vizinhos. MACHADO (2002, p.10)



Contam-nos que a infância na África era assim - as crianças se reuniam em torno dos mais velhos, principalmente dos contadores de história e aguardavam que o Gryot, “aquele que transmite a fala dos ancestrais para as novas gerações”, iniciasse um novo aprendizado, mantendo viva a tradição oral.

Essas histórias falam da vida, dos valores e das origens que estruturam o mundo Nagô. Essas “narrações mitológicas, falam do nascimento, do amadurecimento da terra, do sol, da água, do fogo, do mundo sensível, entraves, conquistas, dor, prazer, casamento,

envelhecimento, morte, coragem, sagacidade, sabedoria, força, determinação, amor, compaixão, enfrentamento dos desafios da vida, cura, liberdade”. (SIQUEIRA, 2004, p. 156).

Esses mitos nos revelam no livro “O Nagô e a Morte” de Santos (1984), que o Nagô concebe a existência em dois planos: o aiyé, isto é, o mundo e o òrun, isto é, o além. O mundo aqui pensado é composto pelos elementos naturais que compõem o universo e o orúm por seres sobrenaturais. Porém sabe-se que nem sempre foi assim, A mesma autora, diz que em épocas remotas, *o àiyé e o òrun* não estavam separados.

A existência não se desdobrava em dois níveis e os seres dos dois espaços iam de um a outro sem problemas; os orixás habitavam o òrun e os seres humanos podiam ir ao òrun e voltar. Foi depois da violação de uma interdição que o òrun se separou do àiyé e que a existência se desdobrou.

Vários mitos africanos nos revelam histórias da criação do mundo, o exemplo que se segue está cheio de elementos e significados que justificam uma prática pedagógica diversificada.

Certa vez, Olorum resolveu criar a Terra e, para isso, chamou Obatalá entregando-lhe o apo-iwa, que é o saco que contém o poder da existência.

Prontamente, Obatalá reuniu os Orixás, preparando-se imediatamente para partir.

Mas, na saída, ele encontrou Oduduwa que lhe preveniu que só iria acompanhá-lo depois que fizesse suas obrigações.

No caminho, Obatalá, muito satisfeito com sua missão, encontrou Exu. Todos sabem que Exu é o rei dos caminhos, ele tem o poder de abrí-los ou fechá-los. Mas Obatalá nem deu bolas.

Exu perguntou-lhe se ele fez as oferendas necessárias para obter sucesso, e Obatalá disse-lhe que não, seguindo em frente.

Exu ficou muito chateado com Obatalá, e afirmou que tudo que ele pretendesse realizar não teria sucesso.

Foi assim que Obatalá começou a sentir muita sede, e ele teve oportunidade de passar perto de um rio, mas não bebeu a água. Esteve numa aldeia lhe ofereceram leite, ele não quis, continuando, e a sede aumentando.

Até que encontrou uma palmeira chamada Igí-ope, e seu desejo de beber água aumentou. Acomodou seu opa-s'ró que é um cajado, e bebeu o vinho da palmeira até cair no meio do caminho.

Enquanto isso se passava, Oduduwa foi consultar o Ifá, que lhe ordenou que fizesse oferenda para Exu. Assim, ela providenciou cinco galinhas, daquelas de cinco dedos em cada pé; cinco pombos, um camaleão, dois mil anéis de uma corrente, e outras coisas para oferenda.

Exu apanhou as oferendas, e uma pena da cabeça de cada ave, devolvendo a Oduduwa a corrente, as aves e o camaleão vivos.

Oduduwa consultou mais uma vez os babaláwo, que lhe mandaram fazer um ebó aos pés de Olorun. O ebó deveria ter duzentos caracóis (igbins), que contém sangue branco, para o omi-erro que é a água que acalma.

Mas quando Oduduwa mostrou os caracóis, Olorun ficou muito aborrecido. Então, Oduduwa explicou que estava obedecendo as ordens de Ifá.

Assim Olorun aceitou a oferenda e, quando abriu seu Apere odu, que é uma grande almofada onde ele senta, para colocar água dos igbins, descobriu que não tinha dado a Obatalá um pequeno saco que continha a Terra.

Diante disso, Ólorun deu a Oduduwa a Terra, para que ela entregasse a Obatalá. Mas, Odudwa encontrou Obatalá desacordado. Tentou acordá-lo e não conseguiu.

Assim, ela pegou o apo-iwa que estava no chão ao lado de Obatalá, e levou-o de volta para Olorun.

Diante da situação, Olorun resolveu dar a Odudwa os poderes para ela criar a Terra.

Oduduwa chamou todos Orixás explicando a eles que Olorun deu a ela os poderes para criar a terra. Os Orixás acompanharam Oduduwa, indo primeiramente para o Órun Akasó, que era uma passagem que os levaria para o lugar onde Olorun designou para criar a Terra. Exu, Ogun e Ifá conheciam bem o caminho. Ogum colaborou transformando-se em Ogum Asiwaju, que é aquele que desbrava caminho. Quando chegaram ao òpo-Orum- Oun-Aiyé, que é um grande pilar que liga o órum ao aiyé, eles fizeram uma cadeia pela qual Oduduwa deslizou até um lugar determinado.

Nesse lugar, Oduduwa mandou as pombas jogarem a terra. Depois, para agilizar a tarefa, colocou as galinhas para espalhar a terra em várias direções.

Para saber se a terra estava pronta e firme, Oduduwa mandou o camaleão sondar. A proporção que ele pisava para sentir a firmeza da Terra, ele cantava Olé!

Está firme.

Kolé! Não está firme.

Depois que teve certeza da firmeza da terra, Oduduwa jogou a corrente, deslizou nela colocando a sua primeira pegada. Em seguida vieram os outros Orixás que ficaram sob liderança de Odudwa.

Um dia, Obatalá acordou e viu que estava sem o seu cajado, o apo-iwa. Imediatamente, procurou Olorun, que lhe explicou o que aconteceu.

Olorun resolveu dar a Obatalá outra chance e, para isso, deu-lhe poderes muito profundos para criar os bichos, as plantas, e os seres humanos, enfim, todos seres vivos que iriam morar na Terra.

Para essa nova missão, Olorun contou com o apoio dos Orixás fun fun, que são os orixás de branco.

Oduduwa foi avisada por Olorun da chegada de Obatalá e seus companheiros, e que, para que a Terra se desenvolvesse e tivesse vida, ela deveria receber muito bem Obatalá, considerando-o como se fosse seu pai.

No dia da recepção, Oduduwa e todos que a acompanhavam saudaram Obatalá.

Depois da recepção, com festas e comemorações, Obatalá foi morar com seus seguidores em uma cidade que construíram chamada de Idataà.

Mas, entre os seguidores de Obatalá e Oduduwa, começou a surgir desconfiança sobre quem realmente tinha mais poderes. Seria quem criou a Terra? Ou seria quem criou os seres vivos?

Vieram atritos, confusões, discussões intermináveis, que estavam comprometendo a vida e a existência na Terra.

Para acalmar os ânimos, Olorun resolveu interferir chamando Oduduwa e Obatalá, sentando-os juntos e explicando que ambos contribuíram muito para criação da terra, que, depois de tanto esforço não era justo botar tudo a perder.

Depois dessa conversa, Oduduwa e Obatalá compreenderam que era importante a amizade e o respeito entre eles, para que a terra e a vida que nela habita se expandisse.

Assim, Olorun colocou sentada a sua esquerda Oduduwa, e a sua direita Obatalá, para fazerem as pazes e selarem o acordo da fraternidade.

Ainda tratando da origem do universo e do homem, Ribeiro (1996) recorre a tradição Bambara de Komo, no Mali que conta...

Não havia nada, senão um Ser.

Este ser era um vazio vivo a incubar potencialmente todas as existências possíveis.

O tempo Infinito era a morada desse Ser-Um.

O Ser-Um chamou a si mesmo Maa-ngala.

Então, ele criou Fan, um Ovo maravilhoso com nove divisões no qual introduziu os nove estados fundamentais da existência.

Quando o Ovo Primordial chocou dele nasceram vinte seres fabulosos que constituíram a totalidade do universo, a soma total das formas existentes de conhecimento possível.

Mas, ai!

Nenhuma dessas vinte primeiras criaturas revelou-se apta a ser o interlocutor que Maa-Ngala havia desejado para si.

Então, tomando uma parcela de cada uma dessas vinte criaturas misturou-as

E, insuflando na mistura uma centelha de seu hálito ígneo, criou um novo ser – o Homem – a quem deu parte de seu próprio nome: Maa. Assim, esse novo ser, por seu nome e pela centelha divina nele introduzida, continha algo do próprio Maa-Ngala.

Para os shilluks, a criação se deu através das estrelas, gotas de leite; os dogons, outra etnia, contam que foi Amma quem criou as estrelas e a Terra com cobre vermelho, o sol e o cobre branco, a lua. É importante ressaltar que em todos exemplos citados sobre a criação do mundo emana a sabedoria ancestral africana que religa sempre o aiyé ao òrun, o homem a existência, o princípio e a sabedoria, integrando-o.

As coisas na forma de vidas africanas são concebidas desde sua origem como um todo composto de partes que o formam e que sem essas partes, tudo se desintegraria e deixaria de existir. É uma unidade que se manifesta nas diversas culturas, religiões, arte e metodologias das sociedades que enriqueceram o Continente africano e fez com que o africano na diáspora recriasse um modo de viver próprio, cheio de simbologia nagô, jeje, mina, tapa. Como se fala sempre na cosmovisão africana nada se apresenta fragmentado, tudo se complementa. Como foi apresentada nas festas religiosas aqui descritas todas as funções estão interligadas, “possibilitando a conjugação das diferenças”.

Nas situações diversas que as festas oferecem no Terreiro, as crianças aprendem princípios, aprendem a se relacionar com o novo, com o diferente, aprendendo a incluir e tornar-se inclusivo na sociedade na medida que incorpora novos valores. É preciso então que essas crianças na escola infantil tenham oportunidades de vivenciar valores de diferentes grupos para que haja trocas e assim interação.

Imaginem uma criança na escola que tenha a oportunidade de conhecer as histórias de criação de diferentes continentes ou mesmo de diferentes países de alguns continentes, ela vai não só conhecer o mito como aprender sobre valores e tradições desse povo, vai conhecer também sobre localização, lugar, espaço, cotidiano, vai vivenciar através dos relatos e imagens, outras culturas, enriquecendo sua linguagem e o seu conhecimento para toda vida. Essa é uma das possibilidades da criança negra presente na escola de educação infantil a ser respeitada, pois ao conhecer sobre diferentes culturas, terá também os seus valores culturais levados em conta nas diferentes situações da sala de aula, vivenciando

então diversas oportunidades de aprendizagem e integração. Destarte ao me referir anteriormente ao princípio mostrei o elo que existe entre a vida e a morte para entendermos que tudo está interligado. O pessoal e o social vivido pelas crianças podem servir de equilíbrio, mas, também de desequilíbrio para toda vida. Entretanto para Oliveira (2003),

...não há diferença que possibilitam a desagregação do conjunto, do todo orgânico. O que há são possibilidades diferenciadas de arranjos sociais, culturais, etc, sempre flexíveis, sempre passíveis de novos arranjos... O que há são várias facetas que compõem uma mesma rotação (chamaria também de identidade), um mesmo organismo.

4.1.2 ANCESTRALIDADE: Identidade e Tradição

Como já vimos os fundamentos das festas religiosas estão ancorados principalmente em princípios das civilizações tradicionais africanas. O princípio da ancestralidade remete a comunidade religiosa dos terreiros ao respeito pela sabedoria dos mais velhos, pois é esse saber que garante a tradição africana recriada na diáspora, continuidade e fidelidade aos valores deixados pelos antepassados. Siqueira (2004) nos presenteia com sua sabedoria ao afirmar que “a presença das entidades ancestrais pelos símbolos que representam na vida das pessoas é concreta para aqueles que acreditam – nada se passa sem eles. É uma construção de fé, de esperança alicerçada a um modelo a ser seguido de crescimento”.

Vejam como se sentem as crianças que desconhecem a história de seu povo, e seus feitos, como contará sua história se a mesma não é contada, como construir sua identidade a partir de uma história ocidentalizada que não inclui seus ancestrais. As crianças dos Terreiros estão sempre em conflito nas escolas; como elas conhecem suas histórias são sempre submetidas ao “silêncio escolar”, o que as leva a um desequilíbrio emocional e social que geralmente tem como efeito a agressividade, e o desrespeito aos mais velhos. A agressividade aqui vista é a resposta da criança ao descaso que a escola dá a sua vida, aos seus; quanto ao desrespeito aos mais velhos da mesma forma se traduz numa resposta ao descaso que a sociedade tem hoje pela criança, sua forma de viver, seus ancestrais, e sua família. É comum identificar nas escolas os alunos de Terreiro como crianças difíceis, porém quando o professor se aproxima dessas crianças e conversam naturalmente sobre sua vida elas passam a reagir de forma diferenciada. Iago Fábio, Italuana e Luciano são alunos da Escola Zumbi dos Palmares que vivem essa situação junto com muitos outros. Esses alunos começaram com uma grande dificuldade de se relacionar e eram agressivos. Ao conhecê-los, já sabia pelo relato de uma colega, que eles eram muito difíceis e eram de Terreiro. Cheguei a eles por esse caminho, o do Terreiro. Quando seus colegas me disseram “*cuidado com Iago que ele é macumbeiro*”, disse aos alunos que eu também era macumbeira já que eles conheciam assim minha religião, aproveitei é claro, para falar de religiões, respeito e intolerância religiosa. Ao conversar com o aluno fora da sala de aula e falar do trabalho de pesquisa ele já se colocou praticamente como sujeito. Ao entrevistá-lo falou:

“Sou de terreiro desde pequeno, sou de Iemanjá, não rodo não sou Ogã suspenso, o terreiro é de minha avô, gosto do terreiro, lá todo mundo respeita o outro, tem briga também (risos) quando agente briga é o maior sermão, mas todo dia a gente briga, quando é briga de Ogãs, assim da minha idade onze anos por aí, meu tio bota todo mundo no atabaque e a gente termina brincando, a gente fica também de castigo sem tocar atabaque. E a senhora é de Oxum não é”? Respondi: “Como é que você sabe”? Ele falou: “Ta na sua cara”.

Ele sabia do que estava falando, tinha um conhecimento ímpar da sua religiosidade e da forma de viver dos seus. As escolas, a exemplo dos Terreiros, devem possibilitar o acesso ao conhecimento respeitando todos os princípios; o de vida, ao apresentar todas as concepções de criação do mundo; de fé, ao respeitar as diversidades de religiões; o científico, respeitando a natureza, os efeitos medicinais das folhas e dos alimentos; os morais, respeitando a todos os ensinamentos e sabedoria ancestrais; os sociais, cultivando a alegria e a solidariedade.

Desenhar a árvore genealógica apenas, nunca significou reconhecer a vida e o passado das crianças na escola, para isso é preciso ouvir suas histórias, entender e conhecer sua tradição, para que elas se reconheçam e sintam-se pertencentes ao seu grupo.

É tia Edite, Equede de Iansã



E Tia Telinha, Ébome de Iemanjá que contam muitas histórias e casos no Terreiro do Cobre, histórias que dão continuidade á nossa.



Contaram para mãe Val que contou para seus filhos que o Terreiro do Cobre tinha um espaço bem grande, tomando parte do Engenho Velho. Ela conta que as casas dos orixás ficavam umas afastadas das outras com bastante espaço e mato. (aponta) lá era a casa de Omolú.

Fala também em outro momento que depois que sua avó Flaviana morreu e Maria Eugenia ficou como mãe de santo do Terreiro ela doou muitos lotes de terras para pessoas necessitadas.

.... Já tia Telinha conta casos sobre a festa de Ibeji. Ela diz que vó Flaviana amarrava uma corda também durante o dia e pendurava frutas para as crianças pegarem.

... Mãe Té fala da fonte que ficava lá embaixo na ladeira. Elas contam muita coisa de gente e de orixá e a gente vai aprendendo com elas.

4.1.3 O MITO E O CONHECIMENTO DE MUNDO

Para todos os povos os mitos são narrativas primordiais, foram as primeiras histórias criadas pela humanidade, os mitos falam da origem da humanidade, dando sentido ao universo, as organizações sociais, aos costumes e comportamento do povo que os gerou. Todo povo tem suas histórias, seus mitos que são contados através de gerações e falam dos seus valores, suas crenças, costumes, forma de viver. Esses mitos fundadores foram transmitidos por muito tempo oralmente, mais tarde com a invenção da escrita, esses mitos foram escritos em livros religiosos e científicos transformados em contos, fábulas, lendas, novelas e romances. Siqueira (2004) nos conta que a mitologia africana tradicional antes do contato com os efeitos da colonização, já falava de todos os fenômenos, valores, princípios, conhecimentos desde o Egito a África Subsaariana com seus reinos, seus chefes tradicionais, sua mitologia oferecendo lições de sabedoria e experiência de vida a todas dimensões, pessoal, social, cultural, religiosa e do conhecimento; Estes mitos constituem contribuições da maior importância ao reordenamento do mundo contemporâneo.

Como afirmo no início do capítulo os mitos africanos proporcionam um trabalho pedagógico diversificado porque “estão ancorados em princípios que se adequam a todos os espaços e tempos – são ligações universais e atemporais porque falam do gênero humano em seu cotidiano, lembrando os efeitos dos heróis do passado e apontando caminhos para o vir a ser”. (FRASER, 2002, p. 63)

Então através dos mitos é possível se ensinar e aprender a conhecer diferentes espaços e lugares, concepções, comportamentos, identidades, culturas, religiões, organizações de grupos, profissões, paisagens e diferentes linguagens. Vejamos a riqueza de conhecimentos e informações desse mito que apresento.

Oxum na Organização do mundo

Era uma vez, no princípio do mundo... Olodumaré mandou todos os orixás para organizarem a terra. Os homens faziam reuniões e mais reuniões. Somente os homens, as mulheres não eram convidadas. Aliás, as mulheres foram proibidas de participar da organização do mundo. Deste modo nos dias e hora marcados, os homens deixavam em casa suas mulheres e saíam para tomar as providências indicadas por Olodumaré.

As mulheres não gostaram de ficar de lado. Contrariadas foram conversar com Oxum. Oxum era conhecida como uma YALODÊ, Yalodê é um título que se dava a pessoa mais importante entre as mulheres do lugar.

Na verdade parece que os homens tinham esquecido do poder de Oxum sobre a água doce. E sem a água doce, com certeza a vida na terra seria impossível.

Oxum já estava aborrecida com esta desconsideração dos homens. Afinal ela não poderia de forma alguma ficar longe das deliberações para o crescimento da terra. Ela sabia de tudo que estava acontecendo. Era preciso compreender que todos são importantes para construção do mundo.

Procurada por suas companheiras, conversaram durante muito tempo e por fim a Yalodê comunicou: - De hoje em diante, vamos mostrar o nosso protesto para os homens. Vamos chamar atenção, porque somos todos responsáveis pela construção do mundo. Enquanto não formos consideradas, vamos parar o mundo!

- Parar o mundo? O que significa isto? Perguntaram as mulheres curiosas.

- De hoje em diante, falou Oxum, até que os homens venham conversar conosco, estamos todas impedidas de parir. Também as árvores não vão mais dar frutos, nem as plantas vão florescer, nem crescer. Isto foi dito e isto aconteceu.

Aquela foi uma reunião muito forte. A decisão foi acatada por todas as mulheres. E os resultados foram imediatos. Os planos que os homens faziam, começaram a se perder sem nenhum efeito.

Desesperados, os homens se dirigiam a Olodumaré. Olodumaré ficou surpreso com as más notícias. Depois de meditar perguntou:

- Vocês estão fazendo tudo como eu mandei?

Oxum está participando das reuniões? Os homens responderam: - Veja senhor, estamos fazendo tudo direitinho. Agora esse negócio de mulher participando de nossas reuniões...

Olodumaré falou forte:

Não é possível. Oxum é o orixá da fecundidade. É quem faz desenvolver tudo que é criado. Sem Oxum o que é criado não tem como progredir. Por exemplo, vocês já viram alguma planta crescer sem água doce?

Os homens voltaram correndo para corrigir a grande falha, ao chegar a casa de Oxum ela já estava esperando na porta fazendo jeito de quem não sabia o que estava acontecendo. Aí os homens foram chegando e dizendo:

- Ago Nilê (Com licença).

-Omo nile ni ka ago (filho da casa não pede licença)

Ela os convidou a entrar e eles conversaram muito para convencer Oxum a participar das reuniões, só depois de bem rogada ela aceitou o convite

Não tardou e tudo voltou como por encanto. Oxum derramou-se em água pelo mundo. A terra molhada reviveu, as mulheres voltaram a parir, tudo floresceu e o plano dos homens começou a dar resultado. Todos felizes cantaram e dançaram para comemorar. (MACHADO e PETROVICH, 2002, p.91)

Muitos mitos ilustram este trabalho, nos trazendo vários aprendizados. O mito de Oxum, ora relatado nos mostra que Oxum é a própria água, é por isso que as pessoas relacionadas a esse orixá são tidas como vaidosas e belas. Vejam vocês as águas, sua força, seu poder de sedução e beleza; agora pensem que estão olhando para ela e se vejam belos e belas, é a água o espelho natural da vida. O mito também ensina sobre o respeito ao outro, sobre organização, coletividade, união, a importância da água para vida, a humildade, a vida e como viver. A cada momento da leitura certamente encontraremos uma nova interpretação

4.1.4 IDENTIDADE E DIVERSIDADE

As identidades são afirmadas, em muitos casos, como uma forma de resistência social diante do poder da cultura hegemônica do etnocentrismo ocidental globalizado, herdeiro do colonialismo
(Nascimento apud McLaren, 1997)

A Identidade diz respeito a um conjunto de elementos constituído pela cultura, características étnicas e valores de um ou diferentes grupos.

A festa dessa forma para as crianças do Cobre é o momento em que a identidade e a diversidade se expressam plenamente. Vimos que nas festas há lugar para todos desempenharem seus papéis. Homens, mulheres, crianças, idosos; homossexuais ou heterossexuais; ricos ou pobres; todos convivem no candomblé de forma organizada baseada em princípios deixados por nossos ancestrais.

Se nossa sociedade é plural, só podemos viver nela democraticamente, respeitando todas as diferenças do povo que a compõe, sejam negros, índios, japoneses ou brancos. Entretanto somos produtos da força colonial eurocêntrica que se instalou na nossa sociedade desde os primórdios da colonização, com a escravização dos negros seqüestrados na África.

Bento (2002) comenta em *Cidadania em Preto e Branco*, que no velho estilo brasileiro de acreditar cegamente no que “se é importado é bom” as teorias racistas chegaram da Europa ao Brasil atrasadas. Porém fizeram aqui enorme sucesso... Intelectuais, médicos, advogados políticos brasileiros se entusiasmaram com a idéia de que a raça branca era superior... O problema das elites brasileiras era os 55% da população negra apresentada pelo censo em 1872 (p. 29-30).

Em verdade foi nesse período que se iniciou o processo de branqueamento da Nação Brasileira – “Os Cientistas e os Políticos de então resolveram trazer muitos imigrantes europeus para cá, estimular a miscigenação para a população, ir branqueando, branqueando...”. (p. 29)

Dessa forma iniciou-se a campanha valorizando o imigrante branco que chegou ao Brasil entre 1520 a 1850 e trazia como profissão o trabalho rural, ou seja, a mesma forma do trabalho escravo desenvolvido pelos negros africanos escravizados.

Nesse contexto, graças ao trabalho dos negros, os portugueses colonizados já eram “os maiores produtores de açúcar nas Américas, dominando o mercado mundial, 983.000 quilos de ouro foram despejados na Inglaterra, além do tabaco, algodão, arroz e café que era base da produção agrícola da época”. (p.33)

Seja como for, o negro foi excluído dessa nova ordem que se instaurou a partir de 1888, o branco representava o futuro do país, inicia-se a produção do racismo brasileiro, surgia a marginalização, os estereótipos negativos, a folclorização de uma cultura, a desvalorização de crenças e valores africanos num movimento de inviabilização do negro na sociedade.

Porém “resgatar a nossa memória significa resgatarmos a nós mesmo das armadilhas da negação e do esquecimento; significa estarmos reafirmando a nossa presença ativa na história pan-africana e na realidade universal dos seres humanos...” (Nascimento, 2002 p. 42) É nesse sentido, que as festas dos terreiros se constituem fator de construção, reconstrução e afirmação de identidades, rezando, cantando, dançando, cultuando orixás.

Partindo da tomada de consciência dessa realidade e entendendo que a escola como espaço da socialização interfere e muito no processo de construção de identidades, é urgente pensar propostas que inclua as crianças negras na educação oficial, estabelecendo vínculos estreitos entre “a vivência sócio-cultural, o processo de desenvolvimento e o conhecimento escolar”. (GOMES, 2001, p. 09).

Sabendo da importância da formação da identidade no processo do ensino aprendizagem e que isso raramente acontece nas escolas, que ao contrário, a educação formal oficial, dificulta a construção de um sentimento de identidade quando durante as aulas os alunos não vêem qualquer relação entre os saberes e sua cultura.

Machado (2001) nos mostra que relacionar a identidade cultural do negro com sua aprendizagem implica na necessidade de compreender aspectos da cultura afro-brasileira. A mesma autora continua afirmando que implica também na correlação destes aspectos

culturais com a educação sistemática e ainda, na compreensão da realidade da vida humana e na ação do homem em contato com a natureza para sobreviver.

Entretanto, Cunha Jr. (1997) chama atenção afirmando que aprender história é um exercício por vezes difícil, onde contracenam o real e o imaginário. Precisa-se da imaginação que transcenda os fatos e reproduza a complexidade das atividades humanas (...), (lembra-se do mito interpretado há pouco!).

Nesse sentido, o que se propõe através dos processos educativos das festas religiosas, é o respeito às outras matrizes culturais nas aulas de educação infantil, fundamental ou médio, é como sugere Cunha Jr., o desbloqueio da imaginação, para que os alunos e professores possam construir suas identidades, resgatando ou contando sobre suas origens e suas histórias. É o respeito pela identidade na diversidade escolar que vai permitir que o diferente seja visualizado e aceito. A escola como ela se apresenta não contemplam as experiências vivenciadas pelos alunos, pelos grupos em que as crianças participam fora da escola, não leva em conta o saber veiculado pela memória de sua família, aprendido com seus pais ou com seus ancestrais, assim nega a identidade de seus alunos. A construção da identidade como se apresenta nas festas, passa pelo resgate da cultura, do passado histórico, suas crenças, línguas e valores e da “consciência de sua participação positiva na sociedade”.

Vale considerar que os currículos das escolas privilegiam especificamente a cultura européia, tratando de forma pouco significativa outras culturas existentes, é preciso conhecer e compreender aspectos da cultura afro-brasileira para então poder estabelecer uma relação entre identidade e educação. Em verdade todo conteúdo perpassado nas escolas infantis está longe de contemplar as crianças negras, “a escola que se proclama única e democrática constitui-se numa mistificação; não há qualquer relação entre o que ela afirma fazer e o que ela realmente faz”. LUZ (1984, p.44)

A escola, entretanto, deve ser um local composto pela diversidade étnica cultural, os materiais didáticos devem ser instrumentos que valorize as diferenças, respeite a criança negra nos seus conteúdos, mensagens e idéias. É preciso que a escola conheça uma outra história, uma história que não seja apenas a européia ou americana, uma história, a exemplo de Cunha Jr., que mostre algumas capitais africanas, como Cidade do Cabo,

Lagos, Abdjan, Dakar, ou ainda que mostre fotos de vestuários e mercados africanos; diversidade de trajes femininos e masculinos; as possibilidades de uma integração dos espaços econômicos no deserto de Saara etc.etc.etc.

Fica evidente que além da memória positiva dos seus antepassados mostrada pelas conquistas contemporânea de seu povo nas artes e nas ciências, as crianças na educação infantil ainda têm possibilidade de conhecer uma África verdadeira diferente da que é comumente apresentada, só fome, miséria e deserto, mas com seus recursos naturais, belezas de suas cidades, riquezas, enfim uma África real.

4.1.5 A FAMÍLIA NEGRA: UMA FAMÍLIA DE SANTO

Ainda me referindo a sabedoria ancestral africana, ela ensina através dos tempos que alguns valores são essenciais à vida do povo africano. A família se constitui núcleo essencial da sociedade, é no ERO ILÊ – educação na família que a criança africana inicia sua preparação para a vida. Siqueira (2004) nos ensina que desde o nascimento, o africano é recebido no seio de uma família, que por sua vez pertence a uma etnia, a uma vida ou espaço geográfico determinado, e habitado por um grupo específico, com suas tradições, sua história, uma linhagem, um núcleo familiar que é constituído de tantos membros, quantos que por diferentes razões criam condições de pertencimento àquela família.

A partir desses princípios nota-se que nas sociedades Iorubanas cada pessoa que nasce já vem com sua função social e política definida. Através do nome se permite ver o orixá de linhagem e toda história. Por exemplo: “uma pessoa nascida em OSHOGBÔ tem Oxum como patrona de seu lugar, além de que a família tem seu orixá”. (SIQUEIRA, 2004, p.192)

Ao recriar suas vidas na diáspora, o africano cria estratégias para resistir culturalmente e religiosamente em diferentes tempos e espaço. É por isso que a religião de tradição africana continua forte e os Terreiros de Candomblé se constituem ontem e hoje, espaços de organização não só religiosa, como de organização civil dos afro-brasileiros. Pois como observa (Moura, 2004, p. 22): *A função de agregador do povo negro em torno de símbolo comum determinou sociologicamente o nascimento de um espírito comunitário e de identidade étnica que proporcionou ao negro não cair em estado de anomia.* É no Terreiro “patrimônio simbólico do negro brasileiro” (Sodré, 2002), que os africanos na diáspora brasileira recriam e reorganizam suas vidas, cultuando orixás, ensinando seus princípios e valores, suas línguas, sua cultura, (aqui compreendida como herança social) sua forma de viver, normas e procedimentos. É no terreiro que as famílias africanas hoje chamadas Famílias de Santo, “isto é ser socializado num grupo familiar que tem no candomblé o seu sistema de crença religiosa” (Lima, 2003, p.65), continuam passando para comunidade os ensinamentos com base na sabedoria africana, fortalecendo os laços ancestrais que unem o povo negro. É através da vida no terreiro que os laços familiares criados no candomblé se fortalecem, “são laços muitos mais amplos no plano das obrigações, e muito mais densos

no âmbito psicológico das emoções e do sentimento. São laços efetivamente familiares: de obediência e disciplina; de proteção e assistência; de gratificações e sanções; de tensões e atritos tudo isso existe numa família e tudo isso existe no candomblé”.

A família de Santo que mantém viva a tradição oral africana citada por Hampatê Ba como “grande escola da vida” mantém também uma estrutura de relações que sai do âmbito religioso para o social e político. A família hoje chamada Família de Santo foram constituídas no Brasil após o processo histórico da Abolição. Antes, todas as famílias negras africanas eram famílias de santo, mesmo na condição de escravizados, pois, já vimos que o universo cultural e religioso dos africanos permaneceu e permanece vivo. Com isto quero dizer que todas as famílias negras contemporâneas e não negras ainda hoje com todo desenvolvimento trazido pela ciência e pela tecnologia utiliza ervas medicinais para se curar de muitos males, ou tem em algum momento intuições, ou ainda de forma mais forte busca no contexto escolar o respeito perdido pelos mais velhos e pela mãe natureza ou tem no círculo a imagem da Unidade; pois bem, esses elementos se constituem um referencial simbólico de vários países africanos trazidos pelos negros escravizados e mantidos pelos afrodescendente, “trazidas pelas religiões iniciáticas africanas que marcaram o candomblé brasileiro e eram sobretudo, religiões de linhagens ou de tribos em que a instituição da família desempenhava papel preponderante”(LIMA, 2003, p.161).

Por isso, a estrutura das famílias de santo muito se parece com as famílias negras hoje. Geralmente as famílias de santo são compostas pela yalorixá que é conhecida popularmente como Mãe de Santo do Terreiro, responsável pela casa, pelo axé, pelos ensinamentos. A maioria das famílias negras contemporâneas é a mãe, a avó, a tia materna ou a irmã mais velha que desempenha o papel de chefe da família, responsável pelo sustento, e pela educação chamada doméstica. Apesar de toda desestrutura social que vive a família hoje, os ensinamentos herdados pelos mais velhos ainda permite buscar nas folhas e nas rezas a cura para vários males, ou a explicar acontecimentos através de provérbios ou ainda ensinar aos filhos os ofícios dos pais, mesmo que depois cada um siga sua vocação. É com essa estrutura familiar que a criança negra chega a escola, levando consigo muitos valores e tradições deixadas pelos seus, no entanto lhes é ensinado nas primeiras aulas que a família é composta pelo pai, pela mãe e pelos filhos, ignorando a família real da criança, o que fazem ou faziam, como são compostas, ao contrário, culpam essa família por toda violência sofrida pela criança hoje “esquecendo – se” da ação da

sociedade burguesa nas nossas vidas. É importante considerar que a escola apresenta na sua proposta de educação uma preocupação em trabalhar questões relacionadas aos valores dos diferentes grupos, entretanto continuam expondo a criança negra ao constrangimento de nunca serem representadas, permanecendo nos ambientes escolares uma visão ocidentalizada através das representações nos livros ou nos cartazes fixados nas salas de uma família embranquecida e composta de pai, mãe e filhos, enquanto que na sala o que existe de fato é uma diversidade de representações da família brasileira atual, todas apresentando de forma bem forte e características suas crenças, seus valores, suas tradições nas formas que se vestem, que falam, que se relacionam, que se comunicam.

4.1.6 A ORALIDADE NOS TERREIROS: CONHECIMENTO E SABEDORIA

Nas sociedades africanas a palavra exerce uma força sagrada, as palavras são como vimos no mito, instrumento de criação, de axé; Santos (1984), profetiza que a oralidade é um instrumento a serviço da comunidade nagô. Assim mostra a palavra africana como forma de explicar o mundo, a sociedade, a vida; Santos continua afirmando que a palavra proferida é única, “nasce, preenche sua função e desaparece”. Os registros históricos nos mostram a diversidade de cultura e dialetos falados nas sociedades africanas, adulterada na diáspora, porém, o poder atribuído à fala humana por essas sociedades pode ser ilustrado por Ba (1982) quando escreve um ensinamento africano:

Maa Ngalla, como se ensina, depositou em Maa as três potencialidades do poder, do querer, e do saber, contidos nos vinte elementos dos quais ele foi composto. Mas, todas essas forças, dos quais é herdeiro, permanecem silenciadas dentro dele. Ficam em estado de repouso até o instante em que a fala venha colocá-las em movimento. Vivificadas pela palavra divina, essas forças começaram a vibrar. Numa primeira fase, tornam-se pensamento; numa segunda som; e numa terceira fala.

Neste relato, a palavra falada tem amplo significado podendo-se através dela aprender, conhecer, ver, ouvir, cheirar, sentir, desejar, imaginar, perceber, se envolver e integrar. Esse processo cultural herdado na nossa sociedade através da função da memória estabelece ainda a ligação do homem com a palavra, por isso o Terreiro mantém viva e forte essa tradição que une o “segredo e o sagrado”, orun ao ayié, o princípio e a sabedoria.

Nesta perspectiva é preciso diferenciar o significado da palavra falada e da palavra cristalizada pelos signos lingüísticos. Vale salientar que também herdamos o olhar contaminado ocidental de ver a África, e que os aparelhos ideológicos do estado garantem e mantêm esse olhar, por isso a antiga arte de falar e ouvir passa na nossa sociedade por um histórico processo de desprestígio, face o grande prestígio pedagógico e social atribuído à escrita. No entanto Tieno Bokar (1982) nos ensina que a escrita é a “fotografia do saber e não o saber em si”. A maior contradição para o que Bokar nos ensina está nas escolas quando trata os falares das crianças como dialetos inferiores, esquecendo-se de que a linguagem é uma das ferramentas principais para desenvolvimento das culturas. É sabido que o Português foi imposto como uma língua estrangeira a uma população africana, não levando em conta pelos colonizadores que as línguas são mais forte fonologicamente. Isso

foi bom para a população afrodescendente que pôde herdar o falar africanizado do seu povo. A oralidade sempre foi a capacidade humana de expressão, de informação, de transmissão de valores que quando passado através de “geração em geração” possibilita o acesso ao conhecimento e a cultura de um povo, de uma nação. Para (Sapir, 1969) “a linguagem é o guia para realidade social”, portanto indispensável para o desenvolvimento pleno do homem.

Numa visão atual e sócio-interacionista, a linguagem que forma o homem se transforma a depender do contexto, do referencial, do vivido. A população africana na diáspora apresenta essas características quando possuem uma capacidade nata de recriar e falar de sua gente, de seus costumes, de sua fé e de seus aprendizados. Numa abordagem contemporânea sobre a fala, ainda se observa que as tradições orais herdadas e mantidas até hoje possuem como padrão à dita norma culta e a lingüística como ciência. Entretanto as tradições orais descrevem a estrutura da sua língua através da fala de Hampaté Ba quando diz que:

...Nenhuma tentativa de penetrar a história dos povos africanos mantenedores da tradição oral, terá validade a menos que se apõe nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacificamente transmitidos de boca a ouvidos de mestre a discípulos ao longo dos séculos.

Assim, a escola precisa deixar de tentar ensinar as crianças falarem e reconhecer a grande diversidade do uso da fala, evidenciando não só escrita como também a fala, tornando-as “políglotas dentro da sua própria língua” (FAVERO, 1999, p.12).

Sabemos que a oralidade antecede a escrita, portanto, é necessário que nas aulas as falas das crianças girem em torno das relações familiares, relatos das brincadeiras, das festas, das histórias; tristes ou alegres as crianças têm sempre uma história para contar de sua avó, mãe, irmãs, vizinhos, pois a língua é “caso particular da linguagem” que se realiza através da fala. De certo, a fala com que a criança chega à escola é cheia de significados culturais, é a fala que elas convivem em seu meio, conversam, brincam, reclamam, aprendem, rezam e se relacionam de uma forma multicultural dentro da própria língua.

Satisfaz-me plenamente entender que “para o bem ou para o mal a fala é a marca da personalidade, da terra natal e da nação, o título de nobreza da humanidade. (HJEMSLEV,1975,p.01).

TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escolher escrever sobre a formação pessoal e social da criança com base na cosmovisão africana apresentada nas festas de candomblé no Terreiro do Cobre está ancorado no fato de que as festas congregam valores civilizatórios que indicam princípios e saberes e se constituem numa “ética da diversidade”.

Oliveira (2004), diz que aprendemos uma lição primorosa dos nossos antepassados: ensinamos apenas aquilo que aprendemos.

Nas festas religiosas também é assim: aprendemos e fazemos, ensinamos a fazer fazendo. Por isso, as experiências com as festas indicam caminhos que podem subsidiar uma prática educativa que favoreça as construções coletivas. As próprias crianças que nos apontam os caminhos, ao falarem do Olorum como Deus supremo; ou que é Oxum que as protege contra os afogamentos; ou quando diz que Iansã fala passando a saia se referindo ao vento; ou ainda quando pede um chá para curar suas dores

Entretanto esses valores que a memória não esquece não é propriedade do povo de santo, é propriedade de todos que acredita ou respeita a tradição e a cultura de um povo. Porque esses princípios e saberes não se encontram apenas nos terreiros, se encontram também nas famílias de modo geral e precisam ser consideradas nas práticas educativas.

Para entender como a forma de viver e aprender com as festas do terreiro pode favorecer a construção da identidade da criança negra na escola, é necessário compreender inicialmente que a “Identidade para se construir como realidade, pressupõe uma interação”. (ADESKY, 2002, p. 76).

Essa ação mútua que ocorre entre as coisas e as pessoas no terreiro que integra e inclui, possibilitando viver as diferenças. É o processo de interação dos terreiros comentada no capítulo anterior que precisa ser levado em conta pela escola. A criança no terreiro como foi comentada anteriormente participa de todas as atividades como os adultos, fazendo e errando,

refazendo e aprendendo. Diante disso acreditamos que a criança na escola encontra-se em processo de desenvolvimento, portanto é necessário que a interação que ali ocorra não seja fragmentada ou diluída pelas idéias contidas no currículo oficial. Vygotsky e Piaget, ao falarem sobre a concepção interacionista do desenvolvimento infantil, também apóiam-se na idéia entre organismo e meio, atribuindo especial importância à interação com outras pessoas.

A Psicologia investiga as modificações que ocorrem nos processos envolvidos na relação do indivíduo com o mundo. Assim, resgatar a forma de viver dentro das comunidades de terreiro nos remete a uma outra forma de aprender a viver e respeitar diferenças recriadas através dos tempos pelos nossos antepassados, dando ao grupo (no Terreiro, na família ou na escola) o sentimento de pertencimento.

Pois bem, essa forma de interação pioneira nas comunidades tradicionais e herdadas pelos terreiros de candomblés precisa ser vivida nas escolas para que então se valorize e respeite de fato as características, modo de agir, pensar, falar, sentir das crianças negras na escola.

Como a escola desconsidera, em grande parte, todo saber que não tenha bases eurocêntrica, insiste em não reconhecer que as crianças ao chegarem à escola são sábias dos valores, costumes e atitudes aprendidos no seio da família ou na comunidade em que vivem.

Ao abrir as portas para integração e para interação, a escola torna-se flexível á diversidade presente em toda sociedade. Por isso é preciso que a escola inclua questões raciais, de gênero, sociais, religiosas e política, tornando suas atividades de aprendizagem plurais, contemplando as diferenças e fortalecendo as identidades e as tradições tão presentes nas festas dos terreiros.

Como vimos nas comunidades de terreiro as festas religiosas desempenha um papel primordial na transmissão dos valores, mantendo forte a tradição africana herdadas pelos ancestrais; Se acreditarmos que essa tradição deixada pelos ancestrais cria uma identidade cabe a escola como enfatiza Vygotsky dar “destaque as possibilidades que a criança dispõe, a partir do ambiente em que vive e que diz respeito ao acesso que o ser humano tem a instrumentos físicos e simbólicos desenvolvidos em gerações precedentes” (DAVIS, OLIVEIRA, 1994, p.49).

Quando Vygotsky se refere às gerações precedentes vejo que ele também fala dos ancestrais,

das histórias de um povo que precisa ser contada nas escolas evidenciando todo “arsenal” simbólico dos grupos, ou seja, sua cultura, valores, crenças, costumes, tradição, conhecimentos para que então se tenha pertencimento, identidade.

O Psicanalista Lacan (1994) lembra que esses valores, cultura, tradição etc. são conservados e transmitidos pela família. Ter o mérito de conviver com as festas religiosas me faz afirmar que o terreiro é o lugar onde mais gostosamente vivemos de fato numa família. É comum ouvir no Terreiro as crianças ou até mesmo os adultos chamarem alguém de pai, mãe ou tia. É que o terreiro de fato representa uma família real, ora com mãe, ora com pai, ora com tia, ora com irmão; as vezes com mãe, pai, irmão e tia.

A família apesar da desestruturação social vivida hoje continua sendo um grupo basilar para o indivíduo. Por isso a escola deve considerar a família real que a criança tem, porque, seja lá como ela estiver estruturada é dela que preside os processos fundamentais do desenvolvimento da criança.

Nesse ponto é essencial para a escola se valer do exemplo da família africana que geralmente era e ainda são nos terreiros e nas famílias negras representada por mulheres, mães, famílias extensas, organizadas por muitos parentes, filhos ou agregados. Percebe-se que através da família pode-se ver o nível de maturidade física, biológica, intelectual, social da criança, muito importante para a construção da sua identidade e fundamental para seu desenvolvimento. A família prevalece sempre, inclusive na aquisição da língua corretamente chamada materna.

É por isso que a instituição escolar como espaço plural deve absorver a forma de falar que a criança oriunda dos terreiros ou outros grupos chegam à escola, ou melhor, dizendo, de todas as crianças. É através da palavra falada que as crianças iniciam sua comunicação com o mundo, dizem o que sentem o que gostam o que sabem. A sabedoria em lidar com a oralidade nos terreiros indica caminhos para que a escola busque de imediato uma aproximação com a realidade sócio-cultural dos seus alunos. Todos os alunos de todas as modalidades e níveis de ensino sabem falar e falam bem, eles falam da sua família, comunidade, grupos e é através da própria “fala que o ambiente físico e social pode ser melhor aprendido aquilatado, e equacionado: a fala modifica assim a qualidade do conhecimento e pensamento que se tem do mundo em que se encontra”. (DAVIS, OLIVEIRA, p.50).

Por fim, quero acentuar que as escolas precisam reconhecer a linguagem, os valores, às regras, os símbolos, as produções dos grupos como conhecimentos que precisam ser valorizados, pois identificam os sujeitos aos grupos ao qual pertence por isso a criança como ser social precisa estar em constante processo de interação com sua cultura para poder conhecer e respeitar culturas diferentes.

Isso quer dizer que a cada prática docente o professor deve valorizar e respeitar seus alunos, suas origens, seus princípios, sua língua, crença, forma de viver, histórias e mitos, com suas diferenças para que possamos ter cidadãos que se reconheçam pertencentes ao seu grupo social, histórico, cultural de referência ancestral.

Finalizando, preciso falar aos meus colegas professores que a necessidade de aproveitar essa e outras experiências na escola Infantil, Fundamental ou Ensino Médio, é imperativa e urgente. Para isso faz-se necessário repensar a proposta curricular da instituição; Conhecer e viabilizar a Lei 10.639; É preciso neste momento enfatizar que apesar de já existir a Lei, a 10.639, para inclusão da História e Cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares, ainda é muito forte o descaso da escola em reconhecer às diferenças raciais culturais e religiosas dos alunos.

É preciso também ampliar a própria formação profissional e conhecer pesquisas realizadas na área de educação e relações raciais. Ainda preciso dizer que todo esse aprendizado obtido por mim, na minha convivência no terreiro me faz ver que só um processo educativo plural, pode favorecer a construção da identidade das crianças na educação.

REFERÊNCIAS:

AMARAL, Rita. Xirê! O modo de crer e de viver no Candomblé. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. Construindo a auto-estima da criança negra. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). Superando o Racismo na Escola. Brasília: MEC, 2001.

ANDRÉ, Marli; ELIZA, D. Texto, contexto e significados: algumas questões na análise de dados qualitativos. Cadernos de pesquisa. São Paulo: 1983.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. Filosofia da Educação. São Paulo: Moderna, 1996.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Cidadania em Preto e Branco. São Paulo: Ática, 2002.

BOAVENTURA, Edvaldo; SILVA, Ana Célia da. (Org.). O Terreiro a Quadra e a Roda. Formas alternativas de Educação da Criança negra em Salvador. Salvador: FAGED/UFBA, 2005.

BRASIL, Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Vol. 2/3. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental: Brasília, 1998.

CARNEIRO, Edison. Candomblés da Bahia. Rio de Janeiro. Conquista, 1961.

CASTRO, Ieda Pessoa de. Falares africano na Bahia. Um vocabulário Afro-brasileiro. Rio de Janeiro: TOPBOOKS Editora e Distribuidora de Livros LTDA, 2001.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. (Org.). Racismo e Ante-racismo na Educação. São Paulo: Selo Negro, 2000.

CUNHA, Perses Maria Canellas da. Da Senzala à sala de aula: como o negro chegou à escola. Cadernos PENESB, 1, Niterói: Intertexto, 1999.

GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade; tradução Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HAMPATÉ BÂ, AMADOU. A tradição viva. In Ki-zerbo, J. (Org.). História Geral da África. São Paulo: Ática, Paris: Unesco, 1982.

KRAMER, Sônia. A Política do Pré-Escolar no Brasil. A arte do disfarce. São Paulo; Cortez, 2003.

LEITE, Fábio. Valores Civilizatórios em sociedades Negro-africanas. In: Introdução aos estudos sobre África Contemporânea. São Paulo: Centro de Estudos Africano da USP, 1984.

_____ A questão da palavra em sociedades negro-africanas, in Democracia e Diversidade Humana. Salvador: SECNEB, 1992.

LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna; tradução Ricardo Correia Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

LUZ, Narcimária. Awasoju: dinâmica da expansão existencial das diversas contemporaneidades. Revista FAEEBA, Salvador, UNEB, nº 12, 1999.

_____ Abebe: a criação de novos valores em educação. Salvador: SCNEB, 2000.

LUZ, Marco Aurélio. (Org.) Identidade Negra e Educação. Salvador: Inamá, 1989.

_____ Cultura Negra em Tempos Pós-Modernos. Salvador: EDUFBA, 2002.

MACHADO, Vanda. Ilê Axé. Vivências e Invenções pedagógicas: as crianças do Opô Afonjá. Salvador: EDUFBA, 1999.

MARX, Karl; ENGELES, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Escriba, 1962.

MOTT, Maria Lúcia Barros. A criança escrava na literatura de viagens. Caderno de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, São Paulo, nº 31, dez. 1972.

MOURA, Glória. In: Munanga, Kabengele (Org.) Superando o Racismo na Escola. Brasília: MEC, 2001.

OLIVEIRA, Eduardo D. Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza: LCR, 2003.

OLIVEIRA, Eduardo D. Programa de Ação da SECAD/MEC Princípios da Lei 10639.

PETROVICH, Carlos; MACHADO, Vanda. Ilê Ifé. O sonho do Ião Afonjá. (Mitos Afro-brasileiros). Salvador: EDUFBA,2002.

ROCHA, Everaldo. O Que é Etnocentrismo. São Paulo: Brasiliense, 2003.

RUGENDAS, Johann Morits. Viagens pitorescas através do Brasil. São Paulo: Martins, 1976.

SANTANA, Judith Sena de. A creche sob a Ótica da criança. Feira de Santana: egba, 1998.

SANTOS, Juana Elbein dos. Os Nagô e a Morte. Padê Asèsè e culto Egun na Bahia. Salvador: Petropoles Vozes, 1984.

SILVA, Ana Célia. A discriminação do negro no Livro didático. Salvador: EDUFBA, 1995

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documento de Identidade. Uma introdução as teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes.Os Fundamentos Africanos da Religiosidade Brasileira. In: Kabengele Munanga (Org.). Historia do Negro no Brasil. Vol. 1. Brasília, 2004.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Ago Ago Lonan. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1998.

SODRÈ, Muniz. O Terreiro e a Cidade. A forma Social Negro-Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2002.

VERGER, Pierre. Verger – Bastide: dimensões de uma amizade. Org. Ângela Luhning; tradução Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

1 GLOSSÁRIO

- A -

- **ABIÃ**- Posição inferior da escala hierárquica dos candomblés ocupada pelo candidato antes do seu noviciado, em yorubá significa “Aquele que vai nascer”.
- **AIYÊ**- Palavra de origem yorubá que designa o mundo, a terra, o tempo de vida e, mais amplamente, a dimensão cosmológica da existência individualizada por oposição a Orún dimensão da existência genérica e mundo habitada pelos Orixá, povoado ainda pelos espíritos dos fiéis e seus ancestrais ilustres.
- **ÁKÁSA**- Bolinhos de massa fina de milho ou farinha de arroz cozido em ponto de gelatina e envoltos, ainda quentes em pedacinhos de folhas de bananeira. (Acaçá).
- **ÁLÁ**- Pano branco usado ritualmente como pália para dignificar os orixá primordiais. Geralmente feito em morim.
- **AXOGUM**- Importante especialista ritual encarregado de sacrificar, segundo regras precisas, animais destinados ao consumo votivo.

- B -

- **BABALORIXÁ**- Sacerdote chefe de uma casa-de-santo.
- **BARCO**- Termo que designa o grupo dos que se iniciam em conjunto.

- BARRACÃO- Casa-de-santo.
- BÚZIOS- Tipos de conchas de uso recorrente na vida cerimonial dos candomblés. Especialmente servem às práticas do dilogun - sistema divinatório onde são empregados geralmente dezesseis búzios.

-C-

- CANDOMBLÉS- Designação genérica dos cultos afro-brasileiros.

- D -

- DIA-DO-NOME- Orúko.

-E-

- EBÓ- Termo que designa, genericamente, oferendas e sacrifícios, usa-se também trabalho, despacho e, às vezes, feitiço.
- EBÔMIN- Pessoa veterana no culto; título adquirido após a obrigação de sete anos. Opõe-se a iaô, sendo equivalente a vodunci.
- EQUÉDE- Cargo honorífico circunscrito às mulheres que servem os órisá sem, entretanto, serem por ele possuídos. É o equivalente feminino de ogã.

- ERÉ- Termo que caracteriza um estágio de transe atribuído a um espírito-criança.

-F-

- FAMILIA-DE-SANTO- Termo de referência que designa os laços de parentesco místico nos quais incorre o filho-de-santo em virtude da iniciação.
- FEITO- O mesmo que adósúu e iaô.
- FILHO-PEQUENO- Diz-se de todo aquele que é afiliado ao candomblé.

- H -

- HAMUNYIA- Cadência executada pelos atabaques e agogôs que capitula a estrutura dos diferentes toques que marcam o siré. Mais conhecido por Avamunha.

- I -

- IAÔ- Termo que designa o noviço após a fase ritual da reclusão iniciatória. Em yorubá significa “esposa mais jovem”.
- IJEXÁ- Nação.
- ILÉ- Casa-de-Santo.

- IRMÃO-DE-AXÉ- Termo que referência que designa a relação de parentesco místico entre os membros de uma mesma casa-de-santo. Diz-se, também, irmão-de-santo.
- IYÁSAN- Divindade das tempestades e do Rio Niger, mulher de Ogun, e depois, de Sóngó. Relacionada com os vendavais, os raios e os trovões.

- K -

- KÉTU- Nação.

- L -

- LOGÚN EDE- Divindade yorubá considerada no Brasil filho de Ibualama ou Inle (Ósóósi) e Ósun Yéyéponda.

- M -

- MÃE-CRIADEIRA- Termo de referência que designa a ebômin encarregada de atender o noviço durante o seu período de reclusão.
- MÃE-PEQUENA- Título honorífico feminino que corresponde á segunda pessoa na ordem hierárquica de uma casa-de-santo. Também ocorre a forma ia-kekerê. Seu equivalente masculino é Pai-pequeno. Diz-se também, mãe ou pai-pequeno daquele que, ao lado da mãe ou pai-de-santo, encarrega-se da formação do iaô (vd. Filho-pequeno).

- MÁRIWÓ- As folhas desfiadas dendezeiro (*Elaeis guyneensis*, A. Cheval, PALMAE) que guarnecem as estradas de uma casa-de-santo contra os egún, os espíritos dos mortos.

- N -

- NÁNÁ- Divindade das águas primordiais, dos pântanos e brejos.

- O-

- OBÁ- Terceira mulher de Xangô, Oba é a deusa nigeriana do rio do mesmo nome.
- OBALÚWÁIYÉ- Divindade da varíola e das moléstias infecto-contagiosas e epidêmicas, consta como filho de Nana, criado por Yemoja, portanto, irmão de Ósumaré.
- OBI- Fruto de uma palmeira africana.
- OFÁ- Designa o instrumento simbólico de Oxosse, consistindo num arco e flecha unido em metal branco ou bronze.
- OGÃ- Título honorífico conferido, seja pelo chefe do terreiro, seja por um órisá incorporado, aos beneméritos da casa-de-santo, que contribuam com sua riqueza, prestígio e poder, para a proteção e o brilho do áse.
- OGUN- Divindade da forja e dos usuários do ferro; por extensão, da guerra e da agricultura e, também, da caça ou de todas as demais atividades que envolvem a manipulação de instrumentos de ferro.

- OLOSSAIN- Sacerdote encarregado da coleta e da preparação ritual das ervas sagradas na liturgia dos candomblés. O mesmo que babalossain.
- ORI- Termo que designa a cabeça na vida litúrgica dos candomblés.
- ORIXÁ- Qualquer divindade yorúbá com exceção do Olóórun.
- ORÚKO- Expressão em yorúbá empregada na liturgia dos candomblés, que significa “qual é o teu nome?”. Ocorre na mais expressiva cerimônia pública do candomblé conhecido como saída-de-santo, dia-do-nome, saída-de-iaô e muzenza.
- OXOSSE - Filho de Yemoja, irmão de Ogun companheiro de Ésu e Ósónyìn, este órisá considerado rei de Ketu, tem o título de ode (o Caçador).
- OSONYIN- Órisá das folhas litúrgicas e medicinais, imprescindíveis para a realização do culto.
- OXUMARE- Costuma ser identificado com o arco-íris e com a serpente. Representa a continuidade, o movimento e a eternidade.
- OXUN- Divindade das águas, em particular no Rio Ósun, na Nigéria. É a segunda esposa de Xangô, mas foi casada também com Ogun e Oxosse.

-P-

- POVO-DE-SANTO- Designação coletiva que abrange o conjunto dos filhos-de-santo de todos os candomblés.

- R -

- ROÇA- Casa-de-Santo.

-T-

- TERREIROS- Candomblés.

- X -

- XIRE- Conjunto de danças cerimônias onde ocorrem distintos ritmos, cânticos e estilos coreográficos características do desempenho de cada órisá.
- XANGÔ- Divindade iorubana do raio e trovão. Descendente do fundador mítico da cidade de Óyó e seu 4º rei.